

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
UNIVÁS

Vívian Aparecida Ruela Silva

**A FOLIA DE REIS COMO UM ACONTECIMENTO
DISCURSIVO**

POUSO ALEGRE
2011

VÍVIAN APARECIDA RUELA SILVA

A FOLIA DE REIS COMO UM ACONTECIMENTO

DISCURSIVO:

DIZERES SOBRE DEVOÇÃO E FÉ EM SANTO(S) REIS

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS
– como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da Linguagem.
Orientadora: Dra. Eni P. Orlandi

POUSO ALEGRE
2011

A Nilton, por realizar meus sonhos.

*Agradeço à Viviane, irmã, sempre
companheira; Mamãe, pelo início de
tudo; amigos, pela paciência; alunos,
pela força e compreensão; Eni, nova
amiga.*

*A identidade é um movimento na
história. (Eni P. Orlandi)*

RESUMO

O presente trabalho utiliza os conceitos da análise de discurso de linha francesa para observar a Folia de Reis como um acontecimento discursivo, em três cidades do Sul de Minas Gerais. Analisamos o discurso do sujeito, em sua posição-sujeito devoto, em relação ao discurso folclórico-religioso da Folia de Reis, por meio de entrevistas e fotos. Percebemos que a Folia de Reis, vista como folclore, não é algo imóvel no tempo, mas sim algo que se move e se modifica no tempo. Notamos também que a memória se atualiza no ritual, se diz de novo, todo o tempo, se tornando atual. Funciona como um reforço da memória do sujeito que crê nos Santos Reis. Assim, percebemos o ritual da Folia de Reis como algo que sempre se renova no discurso como um acontecimento discursivo.

Palavras-chave: acontecimento discursivo, Folia de Reis, sujeito, memória, promessa, tradição.

ABSTRACT

The present work uses the concepts of discourse analysis of the French line for observe the Folia de Reis as a discursive event in three cities in southern Minas Gerais. We analyzed the discourse of the subject in its position as devotee subject, in relation to the folk-religious discourse of Folia de Reis, through interviews and photos. We realized that the folk event of Folia de Reis is not stopped in the time, but it is like something dynamic, that moves and changes with time. We also observed that the memory is updated in the ritual, it all the time to say itself again and becoming current. It functions as a enhancing of memory to the subject who believes in the Santo Reis. In this way, we observed the ritual of the Folia de Reis as something that is renewed in the discourse as a discursive event.

Keywords: discursive event, Folia de Reis, subject, memory, promisse, tradition.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: pessoas que colaboram na preparação do alimento	11
IMAGEM 02: pessoas reunidas na preparação do alimento.....	11
IMAGEM 03: presépio, numa residência, na cidade de Monte Belo, MG.....	18
IMAGEM 04: Companhia de Reis da cidade de Areado, MG.....	20
IMAGEM 05: instrumentos de uma das Companhias de Reis visitadas por nós.....	20
IMAGEM 06: máscara do palhaço.....	21
IMAGEM 07: máscara do palhaço.....	21
IMAGEM 08: Palhaço caracterizado.....	21
IMAGEM 09: Crianças iniciando como palhaços.....	21
IMAGEM 10: Almoço do ritual.....	23
IMAGEM 11: almoço oferecido.....	23
IMAGEM 12: início da montagem da tenda.....	24
IMAGEM 13: montagem da tenda.....	24
IMAGEM 14: Término da montagem da tenda.....	24
IMAGEM 15: Pessoas se servindo do alimento oferecido.....	25
IMAGEM 16: Pessoas se alimentando com o que é oferecido nos almoços que recebem as Companhias de Reis.....	25
IMAGEM 17: as senhoras que ajudaram no preparo do alimento e concederam a entrevista	26
IMAGEM 18: altar montado para receber a Companhia de Reis.....	29
IMAGEM 19: Altar montado para o ritual.....	29
IMAGEM 20: Senhora da transcrição 4.....	32
IMAGEM 21: mudança de expressão da senhora da transcrição 4.....	32
IMAGEM 22: Companhia de Reis em formação no momento do canto.....	44
IMAGEM 23: Os três arcos montados para receber a Companhia de Reis.....	47

IMAGEM 24 : senhor que nos concedeu a entrevista transcrita acima.....	50
IMAGEM 25: as três senhoras da entrevista acima.....	57
IMAGEM 26: Entrevistado 3 da transcrição 7.....	57
IMAGEM 27: Entrevistado 1 da transcrição 8.....	62
IMAGEM 28: entrevistado 2 da transcrição 8.....	65
IMAGEM 29: entrevistado 2 à vontade.....	65
IMAGEM 30: chamado para participar da conversa.....	66
IMAGEM 31: entrevistado 2.....	66
IMAGEM 32: Parte de trás da máscara do palhaço	72
IMAGEM 33: bandeira no 1º dia de andança da Companhia.....	72
IMAGEM 34: os três arcos, montados apenas na chegada da Companhia, que representam, cada, um dos Santos Reis.....	73
IMAGEM 35: a bandeira no último dia de andança da Companhia.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A FOLIA DE REIS: ACONTECIMENTO DISCURSIVO QUE IRROMPE NUM OUTRO DISCURSO	16
1.1 Alguns elementos históricos e descritivos da Folia dos Santos Reis.....	17
1.2 A andança e/ou passagem: o caminho que as Companhias de Reis percorrem.....	22
1.3 Comida: vista por nós como comunhão.....	23
1.4 O Fato na produção do discurso.....	28
CAPÍTULO 2 – ARTICULAÇÕES ENTRE SUJEITO E MEMÓRIA A PARTIR DA FORMAÇÃO DISCURSIVA DA CRENÇA EM SANTOS REIS	30
2.1 O acontecimento discursivo	30
2.2 A fé que move as Companhias e os devotos	31
2.3 A memória discursiva que regula todo o discurso sobre ritual da Folia de Reis.....	37
2.4 Os “Reis” Magos que estão na Bíblia e outras considerações	40
2.5 O folclore desmuseificado e o sagrado.....	42
2.6 A formação Ideológica do sujeito na sua posição-sujeito devoto	45
2.7 Os Três Reis Santos que são vistos como apenas um.....	46
CAPÍTULO 3 – A INTERPRETAÇÃO DO SUJEITO NA POSIÇÃO-SUJEITO DEVOTO SOBRE O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA FOLIA DE REIS	50
3.1 A promessa como elemento que desencadeia o acontecimento discursivo na cidade de Monte Belo, MG	50
3.2 A tradição que move o acontecimento discursivo na cidade de Jacuí, MG.....	55
3.3 Folclore e devoção	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	76
ANEXO	78

INTRODUÇÃO

Quando se estuda ou se pesquisa manifestações culturais e folclóricas, o resultado é relevante, tanto para o conhecimento de quem realizou a pesquisa, quanto pela importância de se exporem os resultados às demais pessoas da sociedade, acadêmica ou não. Porém, aqui nesta pesquisa, não foi observada apenas a manifestação dita como folclórico-religiosa da Folia de Reis, mas sim a discursividade deste ritual.

O objeto desta pesquisa foi o sujeito, na sua posição-sujeito devoto, falando sobre a/na Folia de Reis no Sul de Minas Gerais, significando-se nessa prática. Não como um fato histórico, o ritual em si, mas como discursividade, ou melhor, como acontecimento discursivo. O desenvolvimento desta pesquisa foi efetuado no quadro dos conceitos e procedimentos da análise de discurso. Nesta perspectiva, não irá se trabalhar o objeto em sua essência, mas em suas relações, no processo de sua produção. Não interessa, aqui, apenas como é o sujeito da Folia de Reis, mas sim como este sujeito se constitui e se relaciona com a língua e com a ideologia, observando-se o discurso desta manifestação/prática dita folclórico-religiosa, produzindo efeitos de sentidos em nossa sociedade e na nossa história. Efeitos que são consoantes à constituição de nossa identidade. Foi exposto na dissertação o “como” a Folia de Reis se diz, significa dentro das condições de produção em que a tomamos para análise; a forma com que ela se constitui, se formula e funciona, em sua circulação, na conjuntura social e política, a partir do discurso dos sujeitos que praticam este ritual.

A escolha do tema se deu, além de outros motivos, pela pouca existência de trabalhos de pesquisas acadêmicas sobre o assunto, na perspectiva do discurso. Em participações nas apresentações chamadas folclórico-religiosas e conversas com os integrantes das Companhias de Reis, notamos muita riqueza discursiva ainda não explorada pelo meio acadêmico. Nas cidades sul-mineiras – Jacuí, Monte Belo e Areado, que serão referências da pesquisa – discursos diferentes e/ou iguais foram percebidos sobre essa crença, essa manifestação

popular, tanto no meio rural quanto no meio urbano.

Muitos cidadãos acompanham as festividades por dias, mesmo não participando ativamente do evento, desse acontecimento, que trataremos como um acontecimento discursivo (M. Pêcheux, 2002). Compreendermos como esses sujeitos se significam por meio da Folia de Reis será nosso maior desafio. Observamos, no nosso estudo, sobretudo a construção do sujeito na sua posição-sujeito devoto. Essas posições-sujeito despertaram-nos o interesse pelo estudo desse tema. Pudemos observar ainda que todas as famílias que receberam as Companhias em suas casas serviram-lhes algum tipo de alimento. Isso faz parte do ritual. Em muitos dos casos, almoços e jantares para mais de 200 pessoas são preparados e toda a população vizinha colabora de alguma forma. O que, por si, mostra sua relevância social na constituição dos laços da sociedade.



IMAGEM 01: pessoas que colaboram na preparação do alimento



IMAGEM 02: pessoas reunidas na preparação do alimento¹

A Folia de Reis aqui foi vista, como dissemos, enquanto um acontecimento

1 Ambas as imagens são fotografias;

discursivo. O acontecimento discursivo, segundo Pêcheux (2002), é o ponto de encontro da memória e da atualidade. Dessa forma, este acontecimento discursivo pode pressupor a relação entre dizeres que podem promover rupturas; no entanto, ainda que um novo, ou outro dizer, irrompa na formulação da Folia de Reis, mesmo assim, a ideologia nos sujeitos que por ela foram interpelados, como veremos, estará presente.

O objeto a ser estudado tem a seguinte questão a ser respondida em forma de dissertação: Como o sujeito, em sua posição-sujeito devoto, se significa no ritual considerado folclórico-religioso da Folia de Reis, em cidades do Sul de Minas Gerais? Expusemos como o efeito de memória se produz e o que acontece quando esse efeito irrompe em diferentes condições de produção. O modo como o sujeito se constitui como sujeito da e na Folia de Reis e como estes mesmos sujeitos se identificam é um dos focos de nossa análise.

Quando analisamos o discurso, podemos, ao mesmo tempo, observar a própria maneira como a sociedade se significa, se forma. Desse modo, entender qual discursividade está relacionada e sendo produzida pelos sujeitos e pela sociedade, quando sujeito e sociedade falam sobre a Folia de Reis, foi um dos nossos objetivos na construção do *corpus*.

Um ponto a ser informado é que fizemos entrevistas, colhemos imagens e vídeos. Algumas entrevistas foram feitas com áudio somente e outras com áudio e imagens. Algumas das imagens presentes neste trabalho são fotogramas, outras são fotografias. Muito do nosso material (fotos, vídeos) não foi utilizado, devido ao recorte feito como objeto de análise. Mas será de muita serventia na continuação desta pesquisa posteriormente. Assim, nosso corpus se caracteriza por sua heterogeneidade sêmica, por sua complexidade sígnica, já que estão presentes diferentes materialidades significantes, relacionadas às fotografias, aos fotogramas, aos vídeos, assim como estão relacionadas ao discurso produzido pelos entrevistados sobre a Folia de Reis. Essa heterogeneidade foi objeto de nossa observação, mas concentramos nossa análise, sobretudo nas entrevistas, nos discursos produzidos pelos entrevistados. Sem ignorar as outras formas de linguagem presentes.

Outro ponto a ser compreendido é que o folclórico é considerado, muitas vezes,

como algo museificado. Procuraremos, pela análise de discurso, des-museificar esse acontecimento. As coisas acontecem ainda, atualmente. Quando se atenta ao discurso da globalização é possível perceber essa ideia de museificar tudo, ou quase tudo. Assim, o que é antigo ou está relacionado ao antigo é visto como algo parado, estagnado no tempo. Procuraremos mostrar como esse conceito de folclore pode ser muito mais amplo e significativo que isso.

Michel de Certeau nos propõe uma definição muito pertinente quando diz que “cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada” (1996, p.31). Assim, com esta definição, percebemos que o cotidiano leva a Folia de Reis a se formar e o ritual a se repetir, pois a história dos sujeitos da Folia de Reis é observada pelo relacionamento entre estes sujeitos.

A Folia de Reis é conhecida, pela sociedade de um modo geral, como folclore. Segundo Câmara Cascudo (1978), e para ser considerado folclore, há alguns elementos característicos:

“a) Antiguidade; b) Persistência; c) Anonimato; Oralidade. (...) Para que seja folclórica é preciso uma certa indecisão cronológica, um espaço que dificulte a fixação no tempo. Assim, podemos dizer que a Folia de Reis é mesmo folclórica, pois é anônima, antiga, resiste ao esquecimento e é sempre citada num ou noutro lugar onde se fale.”(p.22)

Esta “indecisão cronológica” é um efeito discursivo que mereceu nossa atenção no que concerne a historicidade desse acontecimento discursivo que é a Folia de Reis. Então vimos como um ritual folclórico une-se ao religioso e, com os conceitos da análise de discurso, o consideramos um acontecimento discursivo.

Outra parte muito interessante é que o folclore “*decorre da memória coletiva, indistinta e contínua*” (CASCUDO, 1978, p.23). Em nosso trabalho procuramos compreender e definir o acontecimento discursivo que é a Folia de Reis, re-significando, assim, o que é *folclore*, a partir do que consideramos como memória discursiva – rede de sentidos à qual o sujeito se filia ao significar - na relação com o que Cascudo toma como *memória coletiva*.

Assim, quando observamos a quantidade de pessoas que acompanha as Chegadas das Companhias, podemos entender como essa discursividade funciona. É a memória se constituindo e operando no discurso dos sujeitos ideologicamente interpelados.

Observamos a Folia de Reis como acontecimento que está muito presente em várias cidades e a sua discursividade atual é praticada, vista e manifestada de muitas formas. Nas roupas, no enfeites das casas, nos arcos, na bandeira, no modo como se faz e se serve o alimento². Tudo isso faz parte do ritual. Fazem parte deste evento pessoas de todas as idades e de todas as classes sociais. Podem elas ter a mesma crença e a mesma fé?

Como a crença de pessoas católicas pode ser tão acentuada em algo que se apresenta apenas como um símbolo na Bíblia? Esta é outra questão a ser respondida. As pessoas que acompanham as companhias de Reis estão inseridas em grupos sociais distintos. Nós nos interrogamos se as formações discursivas, reflexo das formações ideológicas no discurso, são as mesmas, já que acreditam, todos, no mesmo ritual.

O período para que a Folia de Reis aconteça é entre os dias 25 de dezembro e 06 de janeiro. Este período inicia-se com o nascimento de Jesus Cristo, segundo o catolicismo, e se finda no dia de Reis. Porém, muitas manifestações acontecem fora da época destinada. Este é outro ponto a ser pesquisado. Na medida em que extrapolam os limites de tempo adquirem outro sentido?

São muitas as questões a serem respondidas sobre esta pesquisa. Como sujeitos de localidades diferentes se igualam na crença? Como essa crença se formou? Como ela se firmou e se sustenta no mundo globalizado? Como a ideologia pode ser tão determinante na fé? Como algo simbólico na Bíblia pode ser representado como um acontecimento real pelos sujeitos? O que podemos dizer sobre a discursividade, sobre a *crença*? E sobre o *ritual* como acontecimento? Estas e outras questões serão nosso objeto de atenção nessa pesquisa. Algumas dessas questões, que nos deram pistas importantes para a compreensão de nosso objeto mais específico, o sujeito devoto, permaneceram como interrogações para pesquisas

2 As imagens destes apontamentos estarão disponibilizadas no *corpus*;

futuras e não foram respondidas na análise de nosso *corpus*, pois nosso recorte foi sobre o que o sujeito, na sua posição-sujeito devoto, fala sobre a Folia de Reis.

Como dissemos anteriormente, observamos que quase não há trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Este foi o ponto de partida para a construção deste *corpus*. Uma manifestação dita como folclórico-religiosa, tão comum em muitos estados, tão rica discursiva e simbolicamente, e tão pouco estudada pelos acadêmicos. Algumas pesquisas existentes se encontram na área de História. O que não será o caso de nossa análise, que privilegiará a linguagem, privilegiará como o sujeito se diz no acontecimento discursivo, como o acontecimento discursivo se diz. Interessa-nos não a história em termos cronológicos, mas a historicidade tal como é definida no quadro dos conceitos da análise de discurso: o modo pelo qual sujeito e sentidos se constituem na e pela discursividade. Em termos teóricos, como dissemos, a análise de discurso será a teoria e o método que nos norteará como fundamento para analisar o *corpus*.

A Folia de Reis, enquanto acontecimento, é rica em relação à discursividade, pois é praticada por cidadãos urbanos e rurais que mantêm esta crença de formas parecidas em relação ao ritual constitutivo da Folia de Reis. Observar como as coisas significam – comida, bebidas, bandeiras, voz, canto, dança, formação, arcos, roupas – se justifica pela ordem de sua presença. Elas não estão presentes no ritual por acaso. Este, o ritual, aqui, em termos da análise de discurso, visto como algo que se repete. E é esse ponto que também interessa. Como acontece? Por que acontece? Para quem acontece? O acontecimento discursivo, que é a Folia de Reis, retorna, em diferentes situações, diferentes condições de produção, produzindo diferentes eventos, mas mantendo-se como o acontecimento discursivo da Folia de Reis.

O efeito de memória discursiva, entendida como interdiscurso, como veremos mais à frente, enquanto “*alguma coisa que fala antes, em outro lugar e independentemente*” (M. Pêcheux, 1991), se faz muito presente no ritual. Como os sujeitos formulam essa memória a partir do já dito? Como se filiam a ela? O que esses mesmos sujeitos, ao praticarem esse discurso junto a seus filhos e netos, produzem discursivamente? Como o conceito de

museificação ficaria definido dentro da análise de discurso neste tema? Estas são perguntas relevantes e que necessitam ser respondidas.

As entrevistas foram realizadas em três cidades do Sul de Minas Gerais. São elas: Jacuí, Monte Belo e Areado. Estas cidades não foram escolhidas aleatoriamente. Na primeira, Jacuí, a crença e a participação dos habitantes, tanto do meio rural, quanto do meio urbano, é extremamente acentuada, mas as festividades acontecem somente na zona rural. Na segunda cidade, Monte Belo, as Companhias de Reis se apresentam tanto na zona rural, quanto na zona urbana. No último município citado, Areado, embora geograficamente perto de Monte Belo (28 km de distância), os eventos folclóricos são muito raros. O raio de distância entre os três municípios é de 120 km.

Portanto, o estudo também disponibilizará uma fonte de pesquisa para os que vierem depois. E os foliões de Reis terão sua crença visibilizada pela e para a sociedade acadêmica.

Com base em conversas informais sobre o tema com pessoas diretamente ligadas a Companhias de Reis, houve um acordo em se filmar as entrevistas. Muitos gostaram de saber que sua cultura será exposta em um trabalho de pós-graduação. De certa forma, esse ritual não é muito exposto ao olhares da maioria.

As entrevistas foram realizadas antes e depois das apresentações das Companhias, – durante a apresentação seria impossível, devido ao fato de os componentes estarem envolvidos no ritual – com todos os participantes e espectadores. Os rituais foram documentados por vídeos e fotos.

A promessa também é outro ponto que nos norteará neste trabalho. Percebê-la como parte do ritual é importante para que entendamos a promessa ligada intimamente à religiosidade. Quanto à tradição, poderemos observá-la como um estabelecedor de laço, ligado à união dos sujeitos.

Procuramos compreender o ritual da Folia de Reis como um lugar de elaboração da individuação de um grupo. Assim, pudemos observar essa individuação como uma forma do grupo social envolvido com ela se identificar.

Questões há muitas; e não nos cabe, aqui, responder todas, mas encontrar um caminho para a compreensão destes questionamentos. Compreender a Folia de Reis na medida em que compreendemos os discursos dos sujeitos devotos, este é nosso primeiro objetivo. Certamente só estaremos acessando uma pequena parte dessa compreensão; mas é um começo para que outros estudos se façam e possam ter um maior alcance.

CAPÍTULO I – A FOLIA DE REIS: ACONTECIMENTO DISCURSIVO QUE IRROMPE NUM OUTRO DISCURSO

Nossa análise se inicia pela consideração de que as Companhias de Reis são grupos de sujeitos que se apresentam como *crentes* nos Três Reis Magos – estes personagens bíblicos, denominados aqui, pelos próprios entrevistados, como *Santos Reis* – que fazem apresentações nos lares dos chamados *devotos*.

A relação dessas pessoas com os Santos Reis se apresenta como crença, como devoção, como religiosidade dos sujeitos dedicados a significar, a preservar e perpetuar a Folia de Reis, como algo sagrado. Na verdade observamos aqui a presença do sagrado em sua prática: o ritual. Ligamos o sagrado ao discurso religioso. Mas não é um discurso religioso relacionado à igreja, mas sim à tradição e à devoção aos Santos Reis. Nesse discurso predominantemente – ou que se apresenta como – religioso, o sujeito se significa de muitas e variadas maneiras. Assim, o discurso faz com que esse sujeito ocupe sua posição-sujeito no seu discurso. Veremos, como analistas de discurso, em nossas análises, a memória funcionando no discurso do sujeito em suas filiações.

Segundo Pêcheux (1969) apud Gadet e Hak (1997), *discurso é o efeito de sentido entre locutores*. Sendo assim, nas conversas que tivemos em nossas entrevistas de campo, quando colhemos o material para as análises deste *corpus*, notamos esse efeito de sentido toda vez que sujeitos produziam seus discursos à respeito da e na Folia de Reis. É isso que realmente nos interessa aqui. Essa significação do sujeitos ao falar sobre sua crença em Santos Reis. E, junto ao conceito de discurso, elaborado por Pêcheux, necessitamos também do conceito de memória discursiva; pois, cada sujeito diz a partir de uma memória, de um já dito.

Orlandi diz que memória discursiva é

o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (2001, p.31)

Como podemos observar, a partir do conceito acima referido por Orlandi, estes sujeitos, nas suas posições-sujeitos devotos, se significam na situação discursiva do ritual da Folia de Reis, filiados a uma memória.

Cada sujeito produz um discurso ligado ao interdiscurso – memória discursiva – aqui, no nosso caso, a que se filiam os sujeitos ao fazerem suas formulações sobre a Folia de Reis. São filiações discursivas que derivam de um mesmo acontecimento discursivo. Como veremos, no decorrer de nosso estudo, há um acontecimento discursivo quando as muitas Companhias de Reis se apresentam. Um só acontecimento discursivo, a Folia de Reis, presente em vários eventos, a cada vez que ocorre o acontecimento discursivo da Folia de Reis. A foliação é uma só, esta que tem na sua base a crença em Santos Reis. Há filiação nos discursos produzidos pelos nossos entrevistados, por causa da crença. Desta forma, o interdiscurso vai regular o discurso a ser dito por aquele que se filia à ideologia religiosa da crença em Santos Reis. Como veremos, na análise de discurso, chamamos acontecimento discursivo o encontro de uma memória com uma atualidade (M. Pêcheux, 1990).

1.1 Alguns elementos históricos e descritivos da Folia dos Santos Reis

Por se fazer necessário para o entendimento da nossa análise, vamos expor o que é essa prática começando por mostrar o que é uma Companhia de Reis, como ela se forma e de onde veio essa tradição. Faremos também algumas observações sobre a própria denominação: Folia de Reis, Folia de Santos Reis, Folia do Santo Reis, Festa de Santo Reis, e também Folia dos Santos Reis, etc. Já podemos adiantar que a expressão “Santo Reis” funciona como um sintagma cristalizado em sua forma singular. Aí “Reis” não é o plural de “Rei”. É o nome do santo: Santo Reis. Há, ainda, como pudemos observar um jogo discursivo que se faz sobre o “de” em “A Folia de Reis”. Mais à frente voltaremos ao assunto.

A Folia de Reis teve origem em Portugal. Ela chegou ao Brasil por volta do século

XVIII. Antes disso, no país europeu, tinha a finalidade de *divertimento* da população. Aqui no Brasil passou a se organizar com *caráter religioso*. Aqui percebemos a deriva, um efeito metafórico, que é um deslocamento na rede de memória: em Portugal, era uma festa de diversão, aqui passa a ser um ritual religioso. Essa é uma deriva que nos mostra já, em termos de memória, a complexidade da *Folia* de Reis, já presente no modo como se denomina a festa, ou o ritual: temos tanto o sentido que nos remete ao religioso, na palavra *Reis*, como o que nos remete à diversão, na palavra *Folia*.

Há uma passagem na Bíblia Sagrada Cristã³ sobre a visita dos ditos, popularmente, Reis Magos ao Menino Jesus: “*Tendo Jesus nascido, em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: ‘Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos o seu astro no oriente e viemos prestar-lhe homenagem’.*” (Mt 2, 1). Observamos que não é dito, em nenhum momento, que eram santos, nem quantos eram. Mas mesmo assim os sujeitos devotos brasileiros os denominam *Santos Reis*. Talvez seja por este fato bíblico que se deu esta deriva. Uma deriva, já em si, sujeita a equívoco, pois, em nossa citação, como vimos, não há a nomeação de “santos” para as personagens que constituem esse acontecimento. Algo que se formou com caráter festeiro, apenas para divertimento, passou a ser visto como algo religioso. Começamos a entrever a devoção que fez parte de todos os rituais que presenciamos durante as entrevistas que são essenciais para esta análise. Na passagem citada percebemos a *visita* como uma forma de homenagear o Menino Jesus. Hoje, os sujeitos continuam a homenagear não só o Menino Jesus, mas os Reis Magos, Nossa Senhora Aparecida e muitos outros santos com a *visita* em muitas casas de sujeitos, católicos e devotos.

3 A Bíblia, para nós, vem como documento de análise;



IMAGEM 03: presépio, numa residência, na cidade de Monte Belo, MG;⁴

Os participantes são designados *foliões*. Algumas pessoas não admitem serem chamadas de *foliões*. Relacionam esta palavra com o carnaval, visto por muitos como uma festa profana, o que vai de encontro com a Folia de Reis, que é uma festa, aqui no Brasil, de caráter religioso e considerado por muitos como sendo uma manifestação folclórico-religiosa. Os seus adeptos se denominam *devotos*.

Em algumas regiões do Brasil as Companhias de Reis são chamadas de “Ternos”, mas no Sul de Minas são conhecidas como Companhias de Reis. O nome “Reis” está relacionado aos três Reis da Bíblia Sagrada: Melchior, Baltasar e Gaspar. (SILVA, 2004)

Os sujeitos das Companhias de Reis se unem, todos os anos, durante no mínimo sete anos, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro. As Companhias se formam, geralmente, por conta de uma *promessa*. Muitos sujeitos, ao invés de pedir para que alguma Companhia percorra os treze dias para pagar uma promessa – atendida ou não – montam as suas próprias Companhias. Vale ressaltar aqui, embora não seja relevante para compreensão do recorte e objetivo de nossa análise, que as Companhias vistas por nós são compostas apenas por homens. As mulheres fazem parte do ritual na preparação do alimento, na recepção dos convidados, mas não do canto, por exemplo.

⁴ Foto feita em 25 de dezembro de 2010;

Cada Companhia tem, em média, 12 a 14 componentes. As Companhias de 12 componentes vinculam este número à representação dos 12 Apóstolos de Cristo, segundo a tradição católica. Os outros integrantes, que podem ser 1 ou 2, representam soldados do Rei Herodes. Este Rei, segundo a Bíblia Sagrada, foi quem ordenou a morte de Jesus Cristo, Rei dos Judeus. Há ainda Companhias de 11 integrantes. Estas ignoram Judas, o apóstolo que traiu Cristo, ainda segundo a tradição católica. Porém, há Companhias de 15, 17 componentes. O número de integrantes varia muito de região para região. (SILVA, 2004)

As Companhias vistas por nós tinham em média de 8 a 10 componentes. O número de componentes diminuiu devido à dificuldade de, na atualidade, encontrar pessoas que se disponham a fundar e participar de uma Companhia de Reis. Podemos ver, nesta insistência em manter o ritual, apesar das dificuldades, um traço do que chamaríamos resistência. A Folia de Reis pode então ser vista como uma forma de resistência ao capitalismo porque o ritual acontece de forma a colaborar com a sociabilidade, com a afetividade, de uma forma irrompe nas formas de sociabilidade produzidas pelo capitalismo. As pessoas se unem e se ajudam antes, durante e depois do acontecimento, não seguindo os padrões estabelecidos pelo capitalismo para esta forma de prática. Quanto aos componentes ou integrantes, eles são divididos da seguinte forma: os mestres, ou embaixadores, são os responsáveis por conduzirem os versos das Companhias de Reis durante as apresentações, cantando-os ou recitando-os sempre que a Companhia chega a alguma casa; os contra-mestre, ou dispostos – que respondem aos versos cantados pelos mestres –, representam os Reis Magos, ou seja, os reis do Oriente que levaram presentes ao menino Jesus quando este nasceu. O(s) palhaço(s) e os outros integrantes são chamados de foliões. Todos os componentes cantam e/ou tocam instrumentos como sanfona, viola, violão, bandolim, cavaquinho, triângulo, pandeiro, bumbo, caixa, chocalho, entre outros. Estas informações e imagens estão dispostas aqui porque entendemos que elas podem ser importantes para a compreensão e para a ilustração do que é e de como funciona e se organiza Folia de Reis nas cidades visitadas por nós.



IMAGEM 04: Companhia de Reis da cidade de Areado, MG;⁵



IMAGEM 05: instrumentos de uma das Companhias de Reis visitadas por nós⁶

Sobre a figura do palhaço há uma curiosidade. Para muitos, o palhaço representa o *demônio*. Talvez por conta das máscaras e das roupas, ou até mesmo por causa das espadas ou da dança. Em alguns momentos, há a impressão de estarem realmente *possuídos* por alguma

5 Imagem conseguida em 05 de janeiro de 2011;

6 Bairro dos Coelhos, na cidade de Monte Belo, MG, em 06 de janeiro de 2011;

entidade, porque fazem gestos e mexem o corpo de forma muito estranha. Porém, segundo o discurso do ritual, o palhaço, na Companhia de Reis, representa os soldados do Rei Herodes o Grande. Contam os sujeitos das Companhias que os soldados disfarçaram-se com roupas em farrapos e máscaras para perseguir os Reis Magos, a fim de informar ao Rei Herodes o Grande onde estava o menino Jesus. Mas, ao encontrarem o menino, eles se arrependeram e se ajoelharam em adoração a Jesus. Como podemos ver, essas interpretações fazem parte do discurso religioso dominante deste acontecimento discursivo.

Os palhaços sempre acompanham a Folia de longe, indo sempre atrás, nunca à frente ou junto aos integrantes da Companhia. Fazem isso para não serem notados pelos reis Magos. Os palhaços só se revelam quando cantam versos junto com a Companhia. Durante as apresentações do ritual, os palhaços costumam se apresentar e duelar entre si, por meio de *trovas*. Quando as Companhias são recebidas nas igrejas, os palhaços tiram as máscaras porque já não são mais mensageiros de Herodes, pois já se mostram arrependidos. Os palhaços que se recusam a tirar as máscaras devem aguardar do lado de fora da igreja, pois ainda não demonstraram arrependimento.



IMAGEM 06: máscara do palhaço



IMAGEM 07: Máscara do palhaço ⁷

⁷ Máscaras usadas pelos palhaços de uma das Companhias de Reis da cidade de Monte Belo, MG. Foto conseguida em 27 de dezembro de 2010;



IMAGEM 08: Palhaço caracterizado⁸

IMAGEM 09: Crianças iniciando como palhaços⁹

1.2 A andança e/ou passagem: o caminho que as Companhias de Reis percorrem

Todas as Companhias se movimentam, ou *andam*, como dizem os foliões, em todas as casas que as queiram receber. De certa forma, nos dias atuais, tudo já é organizado previamente; quais casas irão receber a Companhia, onde todos irão almoçar, jantar, lanche, ou tomar apenas café. Antes não. As Companhias saíam em suas *andanças* – a questão da andança, ou de andar, quando se trata do discurso da Folia de Reis merece nossa atenção, pois a ela estão especialmente ligados vários elementos da Folia como acontecimento –, paravam na frente das casas e perguntavam, sempre em forma de versos cantados, se o dono da casa gostaria de receber a Companhia. Atualmente, tudo ficou mais organizado, segundo um dos mestres de uma das Companhias entrevistadas. Como as Companhias já saem com destino certo, quase sempre pagando promessa¹⁰ de algum devoto, com as casas a serem visitadas definidas previamente, tudo se torna mais fácil. Segundo este mesmo mestre, como montar uma Companhia está muito difícil, se tornar a andança muito complicada – sem lugar certo para se alimentarem ou dormirem – dificilmente se formarão novas Companhias.

8 Palhaço de uma das Companhias de Reis da cidade de Monte Belo, MG. Foto conseguida em 25 de dezembro de 2010;

9 Imagem de uma Companhia de Reis da cidade de Areado, MG. Foto conseguida em 05 de janeiro de 2011;

10 Sobre esse assunto, a promessa como ponto inicial do acontecimento discursivo da Folia de Reis, na cidade de Monte Belo, MG, falaremos mais adiante;

Transcrição 1:

Entrevistador (E): *Como o senhor organiza onde a Companhia vai almoçar ou jantar?*

Entrevistado (Ent): *A gente já sabe tudo antes de começar. A gente e quem fez a promessa sai nas casa pedindo para ajudar dando a comida para a Companhia.*

E: *E todos dão a comida?*

Ent: *Todos dão. Os que não pode fazer tudo sozinho o vizinho ajuda.*

Neste ponto notamos que a crença já não tem mais a mesma persistência em muitos sujeitos, ou significado talvez, que tinha há algumas décadas. Os sujeitos, para participarem das Companhias, precisam da segurança de onde se alimentar e onde dormir. A devoção, aqui, terá diminuído? Talvez não. Talvez seja uma mudança nas condições de produção deste acontecimento que se apresenta assim como uma injunção à previsão e ao preparo assumido pela família que os espera em casa. Mudaram as condições de produção, possivelmente, por viverem em outra conjuntura histórico-social. A garantia de ser acolhido, embora o acontecimento da Folia ainda o mantenha, passa a ser uma preocupação, ou responsabilidade, também assumida pelos frequentadores da Folia. Ter uma segurança de onde dormir e se alimentar faz com que cada sujeito seja mais comprometido em relação a ter que voltar para casa, para o convívio da família e para manter o sustento do seu lar. Essa mudança afeta o sentido do ritual e também os sentidos que constituem seus sujeitos devotos, embora muitos outros elementos se mantenham neste acontecimento que é a Folia de Reis.

Continuando com nossa exposição em relação à andança, até mesmo um simples “café preto” – como dizem os devotos – é oferecido nas residências onde a Companhia apenas *passa*. Essa *passagem* da Companhia significa apenas cantar rapidamente perante o altar que é preparado não somente para este fim, pois como é período do Natal para os cristãos, os altares já ficam arrumados.

Em termos de análise de discurso, notamos aqui a *passagem* como sendo algo com

direção, já pré-determinado pelos sujeitos das Companhias de Reis; a *andança* é algo que não tem direção, não está pré-determinado pelos sujeitos das Companhias de Reis. Assim, a passagem é vista por nós como algo regulador, norteador, o que não acontecia quando as Companhias saíam sem destino certo.

1.3 Comida: vista por nós como comunhão

Outro ponto muito importante que faz parte do ritual, ou seja, das condições de produção dos sentidos do ritual enquanto acontecimento discursivo, é o alimento. Todas as casas que recebem as Companhias servem algum tipo de alimento. As residências que vão servir o almoço ou o jantar se preparam com algum tempo de antecedência. Em alguns casos, como os visitantes são muitos – pessoas que fazem parte das Companhias, donos das casas, vizinhos, curiosos ou simplesmente pessoas que vão às casas para se servirem da comida que é oferecida – a preparação da comida tem início 3 a 4 dias antes da visita da Companhia.



IMAGEM 10: almoço do ritual



IMAGEM 11: almoço oferecido

Em algumas casas, barracas são construídas para que os convidados possam se acomodar e se alimentar, caso essas casas não tenham um lugar apropriado para receber os convidados. Isto também compõe as condições de produção¹¹ deste acontecimento discursivo, pois na elaboração dessas construções, o sentido de acolhimento já começa a se produzir.

A montagem dessas barracas (tendas) acontece porque há muitas pessoas que participam de forma direta ou indireta do ritual. De todas as casas visitadas por nós, apenas uma apresentava um lugar já construído onde seria possível acomodar todos os que ali

11 Como sabemos, segundo M. Pêcheux (1969), as condições de produção englobam a situação e os sujeitos.

estavam para se servirem. No restante das residências, a tenda é a opção mais adequada – e de baixo custo – para receber os convidados. Isto mostra o sentido do acolhimento, da formação e manutenção dos laços e o fortalecimento destes em um grupo social. Registramos as imagens abaixo para ilustrar a montagem da tenda que acomodaria os convidados no ritual aconteceria ainda naquele dia.¹²



IMAGEM 12: início da montagem da tenda

IMAGEM 13: montagem da tenda

IMAGEM 14: término da montagem da tenda

Muitos desses devotos, os donos das residências, custeiam sozinhos o alimento – almoço ou jantar – oferecido aos convidados. Em nossas entrevistas, eles afirmam que é uma forma de agradecer por alguma graça alcançada pedida para os Santos Reis. Todos os que chegam para o ritual podem se servir de tudo que é oferecido. Não há restrições quanto à crença, etnia, cor, segundo o que nos disseram os entrevistados. Todos os que chegam nas casas são bem recebidos. Parece-nos aqui que este acontecimento significa a necessidade de um grupo se fazer e se imaginar como um grupo. Raiz de sociabilidade que mantém juntos os participantes de uma sociedade em suas relações. Princípio de agrupamento e de pertencimento juntos. Metaforiza as relações sociais em suas diferenças, pela acolhida em torno do alimento.

¹² Bairro Mato Dentro, na cidade de Jacuí, MG, na data de 25 de dezembro 2010;



IMAGEM 15: Pessoas se servindo do alimento oferecido ¹³



IMAGEM 16: Pessoas se alimentando com o que é oferecido nos almoços que recebem as Companhias de Reis

Muitas pessoas que frequentam essas reuniões não creem em Santos Reis, mas vão ao ritual assim mesmo. Não falamos com nenhuma dessas pessoas, durante as gravações das nossas entrevistas, para não constrangê-las. Contudo, notamos que muitas pessoas chegam após a apresentação da Companhia, se alimentam e vão embora antes da despedida da Companhia na casa que a recebe. Observamos, com nossa análise, que mesmo não participando do ritual em si, os sujeitos participam, de certo modo, mesmo que de fora das manifestações da Folia de Reis: na afirmação da sociabilidade, esta é uma forma que os sujeitos têm de demonstrar que estão presentes, que estiveram ali. *“A partir das*

¹³ Ambas as imagens foram conseguidas no Bairro Tormenta, na cidade de Monte Belo, MG, na data de 28 de dezembro de 2010;

considerações do lugar social dos interlocutores, podemos dizer que os conhecimentos podem ser ‘comuns’ mas não ‘iguais’.” (ORLANDI, 2001, p.138). Do mesmo modo, a participação dos sujeitos não é igual. Assim, muitos sujeitos podem participar do ritual de muitas formas diferentes. Alguns cantam, outros preparam o alimento a ser servido, outros montam as tendas, outros apenas olham, outros participam da refeição. A inserção dos sujeitos em diferentes formas de filiação discursiva determina a prática de cada sujeito. O saber comum seria a Folia de Reis, a crença no ritual, mas as formas de se inserir nesse conhecimento comum se manifestam de formas diferentes porque o conhecimento dos sujeitos em relação aos Santos Reis é diferente, devido às suas filiações discursivas, isto é, as formações discursivas em que se inscrevem podem ser as mesmas, mas há modalizações de sentidos aí que indicam algumas diferenças. Isso tudo está relacionado com a memória discursiva. Logo podemos dizer que o sujeito age conforme sua memória, conforme o que ouviu antes e mesmo que não ouviu mas já está significando nele, na medida em que, segundo M. Pêcheux (1990) há um saber que não se aprende mas existe produzindo seus efeitos. Em termos discursivos, podemos dizer que a *constituição* dos sentidos e dos sujeitos (interdiscurso/memória) determina a sua *formulação* (atualidade). Isto para nós, aqui, significa que a constituição (a memória discursiva) determina as diferentes formulações (modos de praticar) dos sujeitos na Folia de Reis.

Observemos a transcrição que segue logo após a imagem abaixo. Tanto a transcrição quanto a imagem mostram o que afirmamos anteriormente.



IMAGEM 17: as senhoras que ajudaram no preparo do alimento e concederam a entrevista ¹⁴

Transcrição 2¹⁵:

Entrevistador (E): *Vocês acham que tem alguém que vem aqui só para comer? Que não acredita em Santos Reis?*

Entrevistado 1 (Ent1): *Uai, eu acho que vem... vem...*

Entrevistado 2 (Ent2): *Eu acho que tem sim. Por este lado tem.*

E: *Vem só para comer? Come e não vai lá ver a Companhia?*

Ent2: *Tem. Tem.*

E: *E o que vocês acham? Os Santos Reis seriam uma crença religiosa, são santos. Estas pessoas que vêm só para comer, como você olham isso?*

Ent2: *Ahh... é difícil né?!*

Entrevistado 3 (Ent3): *Olha, mas a gente trata todo mundo igual.*

E: *Todo mundo igual?*

Ent3: *Todo mundo igual. A gente está aqui para servir, né?*

Ent2: *Serve todo mundo, a mesma coisa. Do mesmo jeito que serve um, serve outro. Não tem distinção de pessoa.*

Ent3: *Nós não vamos fazer separação de pessoa.*

¹⁴ Bairro da Tormenta, na cidade de Monte Belo, MG, na data de 06 de Janeiro de 2011;

¹⁵ Entrevista gravada em Monte Belo, MG, na data de 06 de janeiro de 2011, no Bairro dos Coelhos;

Com a transcrição acima, observamos a presença da compreensão que têm os devotos de que dar guarida, receber, é seu papel, sejam os frequentadores quem forem, tenham ou não tenham fé. Eles são os devotos. Todos os sujeitos que participam de alguns dos afazeres do ritual são devotos de Santos Reis. Assim, carregam em sua memória discursiva a ideologia do grupo, da fé e da bondade. Santos não fazem separação, não segregam. Desta forma, os sujeitos também não o fazem. Observemos as seguintes partes: “*Ent3: Olha, mas a gente trata todo mundo igual.*” e “*Ent2: Serve todo mundo, a mesma coisa. Do mesmo jeito que serve um, serve outro. Não tem distinção de pessoa.*” E logo após esta fala, o outro entrevistado reforça o dizer do companheiro: “*Ent3: Nós não vamos fazer separação de pessoa.*”. Os rituais, portanto, mais do que “manifestações folclóricas” são formas de funcionamento do social, alimentando o grupo social e a sua relação mais ampla com a sociedade. Não está só no passado, se faz e refaz a cada situação, atualizando a memória a cada passo nas condições atuais que trazem suas especificidades e que retoma o sentido de sua função social: presentificar o estar juntos, fazer grupo, subsumidos pelo imaginário do Santo reis.

Vemos, aqui, a comida, o alimento servido durante as apresentações da Folia de Reis como uma forma de comunhão. Comungar é uma forma que o cristão tem de participar do ritual da missa católica. Então, quando as pessoas se alimentam, nas casas que recebem as Companhias, seria como, ou melhor, é a comunhão, com o sentido que isto adquire na Folia de Reis.

1.4 O Fato na produção do discurso

Ainda sob o ponto de vista da transcrição 1, a relacionemos à estruturação do fato com a produção do discurso dos entrevistados. Como o fato conduz o interpretante à memória discursiva, a partir dos processos de produção do discurso em que os acontecimentos histórico-sociais ganham sentidos, percebemos aqui uma filiação de sentidos aos ensinamentos bíblicos de ser sempre bom e ajudar o próximo, não fazer distinção de etnia, cor

ou credo. Isso está presente não só nos ensinamentos da Bíblia Sagrada, mas em certas formas sociais da ideologia, no humanístico presente no mundo de forma geral. Assim, o discurso “*significa a possibilidade de trabalhar o processo de produção da linguagem e não apenas seus produtos*” (ORLANDI, 2004 p.36). Atenta-se, desta forma, aos fatos e não aos dados, aos processos e não só aos produtos. Os dados são os produtos. O discurso dos entrevistados se produziu desta forma porque – no processo de constituição – eles têm uma filiação discursiva remetida a uma memória, se identificam em formações discursivas em que seus sentidos levam a pensar que as pessoas não devem segregar as outras pessoas em torno de si. Eles são assim tomados na sociedade pela história. Se recriam, se reinventam em seus laços sociais.

Notamos, ainda, em todas as casas visitadas, que Nossa Senhora Aparecida está presente no ritual. Nas fotos abaixo podemos notar a imagem da Santa, e na transcrição 2, nas falas do mestre, antes do início das apresentações também pudemos perceber a presença de Nossa Senhora Aparecida.

Transcrição 3¹⁶:

Embaixador: *Viva Nossa Senhora Aparecida!*

Todos: *Viva!*

Embaixador: *Que Nossa Senhora oriente e abençoe a todos nós.*

Consideramos que a presença de Nossa Senhora Aparecida está intimamente ligada à crença religiosa dos integrantes e participantes do ritual. A Santa é vista por muitos como a unificação de outras santas como: Maria, mãe de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, Imaculada Conceição dentre outras. Notamos que existe certa confusão ao se questionar sobre a presença

16 Palavras do embaixador da Companhia de Reis que se apresentou no Bairro Coelhos, na cidade de Monte Belo, na data de 27 de dezembro de 2010;

da Santa no altar. Muitos sujeitos dizem que é porque ela representa toda a crença e devoção que eles têm e acreditam. A não-presença de Nossa Senhora Aparecida no altar soa como ofensa à religião católica. É algo que não pode acontecer. Muitos sujeitos fazem promessa a Nossa Senhora Aparecida e pagam essa promessa com o ritual da Folia de Reis. Aqui observamos um deslizamento do sentido da religiosidade. Os sujeitos são devotos de Nossa Senhora Aparecida e de Santos Reis. Assim, não podem abandonar um enquanto celebram o outro. Podemos dizer que aí há uma relação metafórica, a de uma figura santificada por outra, ambos significando a religiosidade do sujeito.



IMAGEM 18: altar montado para receber a Companhia de Reis ¹⁷



IMAGEM 19: Altar montado para o ritual

¹⁷ Bairro Coelhos, no município de Monte Belo, MG, na data de 12 de outubro de 2010;

CAPÍTULO II – ARTICULAÇÕES ENTRE SUJEITO E MEMÓRIA A PARTIR DA FORMAÇÃO DISCURSIVA DA CRENÇA EM SANTO(S) REIS

Nesse trabalho, como já afirmamos, a Folia de Reis foi vista por nós como um acontecimento discursivo, entendido, através de Pêcheux (1975), como o ponto de encontro entre a atualidade e a memória. Como tal, a nossa hipótese é de que este acontecimento irrompe, atravessa o discurso capitalista da sociedade em que vivemos, sendo este caracterizado em sua dimensão política e social. Assim, não vemos aqui o acontecimento discursivo como sendo um ponto de encontro, apenas, entre a memória do sujeito e a atualidade, mas sim como algo que irrompe na atualidade, re-significando-se e significando de modos diferentes essa formação social.

2.1 O acontecimento discursivo

Um acontecimento discursivo irrompe numa estrutura (Pêcheux, 1975). Percebemos isso quando observamos uma sociedade onde o ritual da Folia de Reis aparece, na maioria das vezes, apenas na data destinada a ele – entre 25 de dezembro e 06 de janeiro. O que estamos considerando aqui é que o ritual aparece em meio ao discurso da sociedade capitalista e, muitas vezes, não religiosa, produzindo-se aí em sua diferença. Esse acontecimento discursivo não se faz do nada, acontece na – e da – memória do sujeito. Faz parte das “coisas a saber” do sujeito que vive nesta região, nesta conjuntura social, com esta memória discursiva. O fato de se estar na época dos festejos de Reis leva, em grande parte, a que o ritual aconteça devido a uma promessa¹⁸.

Todo acontecimento discursivo se situa com relação a uma memória. Pode reforçá-la

18 Será estudado mais adiante como sendo o início do acontecimento do ritual da Folia de Reis em Monte Belo e Areado, diferentemente de Jacuí, que tem como apoio a tradição;

ou ir contra ela. No nosso caso, este acontecimento discursivo reforça a memória¹⁹ das Festas de Reis. A memória materializa sentidos no ritual, se diz de novo, todo o tempo, se tornando atual. Funciona como um reforço dos sentidos filiados à memória do sujeito que crê nos Santos Reis. E esse acontecimento da Folia de Reis só faz sentido para o sujeito que nela crê pelo fato de que o ritual já está inscrito na sua memória. Assim, o acontecimento discursivo da Folia de Reis aparece como sendo muito mais forte e audível que qualquer outro que aconteça durante os dias em que acontecem os rituais das Companhias. Isso não significa que seja mera repetição. Como sabemos, em termos discursivos, a repetição não é apenas reprodução, é retomada. E a retomada traz sempre algo de novo. Este novo, por sua vez, como dizem Guilhaumou e Malidier (1997), está em outro lugar, no retorno do arquivo – eu diria memória discursiva, conjuntura histórico-social.

Embora muitas cidades, hoje, tenham um número muito reduzido de Companhias de Reis, pudemos observar, e é isto que procuramos mostrar com nossa análise, que a força religiosa do acontecimento dos Reis Magos tem consequências sociais e políticas muito fortes que se equiparam a qualquer outro discurso que circula nas condições sociais que estamos analisando. Mesmo que aconteçam acidentes, tragédias, mesmo assim as Companhias saem em caminhada, sempre com o intuito de pagar uma promessa. Ou para cumprir um gesto significativo da tradição. Mesmo que o meio interfira – chuvas fortes, alagamentos, pois aqui na nossa região é uma época de muita chuva –, as Companhias mantêm seu cronograma. Isso mostra que o discurso da Festa de Reis é mais forte nessa região e nessas condições sócio-históricas, que outro que possa vir a confrontá-lo.

2.2 A fé que move as Companhias e os devotos

19 Não podemos esquecer que a memória, concebida pela análise de discurso, como interdiscurso, não é representável, e só podemos analisar seus efeitos produzidos nos sujeitos e nos efeitos de sentidos. A memória discursiva, ou interdiscurso, é estruturada pelo esquecimento. É justamente porque esquecemos como os sentidos se constituem em nós que nos filiamos à memória como se os sentidos tivessem sua origem em nós;

Muitas das Companhias de Reis enfrentam dificuldades em organizar-se ou apresentar-se em algumas casas. Isso acontece porque muitos dos devotos trabalham, não estão em casa no horário das apresentações. A sociedade que vivemos exige isso: que as pessoas trabalhem para manter o sustento próprio e de sua família. O discurso capitalista de nossa sociedade não favorece a Folia de Reis. Em muitos lugares os foliões são vistos como pessoas desocupadas, pois passam dias reunidos às voltas com as apresentações nos rituais. Mas, mesmo assim, a Folia de Reis persiste, permanece e acontece em meio ao discurso capitalista como um discurso híbrido (religioso e social) que está acima de qualquer outro discurso, durante o período das apresentações. É como se as pessoas não tivessem vida além da que está ali, face ao ritual. Porém, tudo volta para o discurso cotidiano logo que a Companhia termina suas apresentações. No entanto, ainda que por um intervalo no tempo e na sociedade, eles se significam em sentidos que os identificam. É uma questão de inscrição em seus processos identitários, processos de que resultam suas identidades.

Aqui notamos a presença indiscutível da ideologia. Ideologia que, projetando-se na formação discursiva da Folia de Reis, não abre espaço para outras formações. Temos, assim, uma Formação Discursiva Religiosa da Folia de Reis bem característica. Onde a ideologia, é carregada de valores morais, religiosos e éticos, mostrando que o sujeito – tomamos como exemplo a senhora das imagens abaixo – muitas vezes chega a mudar a expressão do rosto, significando desse modo em seu próprio corpo, quando questionada sobre suas crenças.



IMAGEM 20: Senhora da transcrição 4²⁰



IMAGEM 21: mudança de expressão da senhora da transcrição 4

Essa mudança de expressão pôde ser notada durante as gravações dos preparativos para as apresentações das Companhias de Reis e será estudada, mais adiante, dentro da teoria da análise de discurso.

Como base teórica para falar de ideologia, podemos partir das palavras de Althusser retomadas por Pêcheux:

(...) a ideologia não é uma pura falsa consciência, uma pura alteridade, mas o indício de um problema real, segundo a expressão de L. Althusser, é o modo através do qual os homens vivem suas condições de existência. Isto implica

20 Imagens conseguidas em 25 de dezembro de 2010, no Bairro Mato Dentro, na cidade de Jacuí, MG;

que assim como os homens, em uma formação social, têm um lugar que lhes assinala seu papel desempenhado no processo produtivo, assim como eles participam das práticas políticas, eles participam igualmente das práticas religiosas, filosóficas, em uma palavra, ideológicas. Para sintetizar este conjunto de práticas, L. Althusser propunha uma divisão provisória das ideologias práticas: “formações complexas de montagens de noção, de representações, imagens de um lado, e de outro, montagens de comportamentos-atitudes-gestos, o conjunto funcionando como normas práticas que governam a atitude e a tomada de posição concreta dos homens e de sua história”. (1997, p. 85/6)

A partir da citação acima podemos analisar as falas dos sujeitos entrevistados. Tudo que eles dizem, em relação à Folia de Reis, está relacionado com a ideologia de cada um que, mais tarde, com o decorrer das entrevistas, pude notar que é a mesma ideologia religiosa que interpela esses indivíduos em sujeitos do discurso no ritual, constituindo, assim, cada qual na sua posição-sujeito devoto. Mas, como dissemos, esta não é uma formação discursiva única, fechada em si mesma. Há uma heterogeneidade discursiva que põe em relação a religiosidade e a sociabilidade, um discurso que trabalha uma identidade no presente e no passado, afirmando relações, promovendo uma festa social, além da religiosa. Não há discurso sem alguma ambiguidade, sem sentidos outros que a constituem. Transferências de uma formação para outra, é assim que funciona o interdiscurso (M. Pêcheux, 2011).

Passando estas exposições para o quadro teórico, apresentado pela Análise de Discurso, sabemos que M. Pêcheux (apud ORLANDI) considera que “*não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia*” (2001, p.47) . A respeito disso, diz M. Pêcheux (1975), que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, constituindo assim a forma-sujeito-histórica, que é a do sujeito capitalista. Aí compreendemos que todo sujeito para ser sujeito tem que estar sujeito à ideologia, ou seja, assujeitar-se. Isso resulta no que podemos chamar de contradição pela interpelação: o sujeito é sujeito “de” e, ao mesmo tempo, está sujeito “a”. (ORLANDI, 2011, p.49). Sujeito dividido desde sua constituição. O sujeito-devoto da Folia de Reis está sujeito a ela quando fala sobre sua crença, sua identidade religiosa ligada aos Santos Reis; mas é também sujeito dela, quando participa do ritual,

mesmo que de forma indireta.

Ainda sobre este ponto da análise, vale ressaltar que, segundo E. Orlandi (1990) “*a identidade é um movimento na história*” (p. 46). Sendo assim, esta identidade do sujeito-devoto da Folia de Reis re-significa-se na história, reconstrói-se, transforma-se, mas não muda. Permanece sempre alicerçada na crença nos Santos Reis.

Assim, com o que foi exposto até aqui, podemos reconhecer o assujeitamento ao discurso folclórico-religioso da Folia de Reis. Como esses sujeitos são interpelados pela ideologia do ritual, do sagrado, da cultura dos Santos Reis, acabam por repetir sempre os mesmos dizeres, acabam por significarem sempre da mesma forma, no entanto sempre podendo deslizar para outros sentidos. Nada é inerte: a Folia de Reis como base para os pensamentos e para as palavras (dizeres) do discurso aqui analisado, se move na própria folia praticada pelos sujeitos na posição devotos. O que resulta em que este dizer com sua regularidade configura o que chamamos formações discursivas: aquilo que o sujeito pode e deve dizer em uma conjuntura dada, em uma situação dada. Como diz M. Pêcheux, (1975) as palavras, as expressões não têm sentido em si. Elas tiram os seus sentidos das formações em que se inscrevem.

Desse modo, é que podemos dizer que esses sujeitos que analisamos se inscrevem, e os seus dizeres, na Formação Discursiva Religiosa da Folia de Reis, daí, resultando sua posição-sujeito devoto – da Folia de Reis – e os sentidos que produzem são aqueles configurados por esta formação discursiva, que vai se historicizando, em sua prática, e se re-significando na mesma medida em que é retomada. E assim eles se identificam com estes sentidos e não outros.

Interessa-nos compreender o sujeito, no campo discursivo, porque ele permite-nos compreender como a língua acontece no homem e, assim, estrutura-se no acontecimento discursivo – aqui, o da Folia de Reis.

Assim, o lugar fundamental do discurso é o da constituição da subjetividade porque o homem, indivíduo, se produz em o sujeito quando se assujeita à ideologia.

Temos uma posição-sujeito devoto quando o sujeito da Folia de Reis se projeta, através de uma formação imaginária, de uma situação (lugar) no mundo para a sua posição no discurso. Quando este sujeito-devoto fala, ele se significa, pois sujeito e sentidos se constituem ao mesmo tempo, “*na articulação da língua com a história*”. (ORLANDI, 2001, p. 99)

A ideologia intervém nas relações do sujeito com a língua. Como a ideologia aparece toda vez que se produz um discurso, não seria possível analisarmos o nosso objeto sem perceber como essa ideologia interpela esses sujeitos. Como estes já nascem em uma situação sócio-histórica ideológica onde os familiares, vizinhos, a comunidade de um modo geral, pratica e participa do ritual da Folia de Reis, a ideologia que os interpela é semelhante à de seus pais, tios, irmãos, primos. Sendo a ideologia materializada no discurso, não há como esses sujeitos não aderirem à crença nos Santos Reis, uma vez que todos que os rodeiam são devotos e materializam essa devoção por meio do discurso, quase sempre, religioso, que se apresenta na Festa, na Folia. Em Monte Belo, não vimos crianças participando do ritual, e foi onde o Mestre da Companhia entrevistada nos contou que está muito difícil formar novas Companhias. Já em Areado e Jacuí, vimos crianças participando do ritual, mesmo que levadas pelos pais ou avôs. Mesmo que a sociedade, na sua grande maioria, não entenda, goste ou propague a crença em Santos Reis, o ritual acontece. Vimos isso como forma de resistência, mesmo que essa resistência seja inconsciente por parte do sujeito-devoto. Assim, com essa insistência em se realizar o ritual, o sujeito crente em Santos Reis significa-se para ele e para a sociedade como devoto. E afirma sua identidade.

Claro que muitos podem questionar o fato de o sujeito ser aparentemente livre. Porém, como esse sujeito não é a origem de si mesmo, percebemos aqui como a memória discursiva a que se filiam é formada, como ela o diz, o significa. Sempre, em nossas posições-sujeitos, temos que nos significar. Significamos-nos no discurso, no dizer. Dessa forma, quando dizemos, significamos, mas ao mesmo tempo retomamos sentidos pré-existentes, o chamado “já-dito”. Há ao mesmo tempo repetição e deslocamento. Somos sujeitos que nos dividimos

entre o mesmo e o diferente. Retomamos e podemos, também, deslizar para outros sentidos, outros modos de significar. Mas estamos sempre filiados a uma memória discursiva que nos determina.

Ao entendermos isso podemos perceber como as Formações Ideológicas determinam os sujeitos em sua forma-sujeito-histórica no ritual da Folia de Reis. A ideologia²¹ é essencial para a constituição dos sujeitos e dos sentidos e na relação do sujeito com a língua para que faça sentido, para que haja sentido para o sujeito.

Todo esse efeito de sentido vem e se faz presente, e faz sentido, porque a memória do sujeito na sua posição-sujeito devoto desempenha um papel fundamental no seu discurso: o de regular todo o seu dizer. A crença em Santos Reis deriva de uma memória discursiva a que o sujeito se filia. Funciona como uma rede de filiações. Dessa forma,

(...) a memória suposta pelo discurso é sempre reconstituída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer, a retomada e a circulação do discurso.(ACHARD, 1999, p.17).

Com isso, podemos afirmar que o sujeito que acompanha as Companhias de Reis, que faz parte das Companhias ou que as recebe, é devoto de Santos Reis, retoma o dizer da crença em algo que já tenha sido dito antes mesmo desse sujeito entender sobre Santos Reis. Sempre que cada sujeito fala sobre sua crença em Santos Reis, esse sujeito retoma um discurso outro, e assim, faz com que esse discurso outro circule novamente. E, ao circular, é passível de falha, de diferença. Notamos então que o ritual folclórico-religioso da Folia de Reis não é algo estagnado no tempo, mas algo em constante movimentação. Todo discurso sobre o ritual faz o acontecimento discursivo da Folia de Reis emergir, irromper nesta rede de filiações discursivas ideologicamente atestadas e determinadas pela memória discursiva de cada sujeito.

21 Tomamos aqui ideologia não no sentido de ocultação, mas como na análise de discurso: a relação imaginária que liga os sujeitos a suas condições materiais de existência;

A presença ou não de crianças é um ponto de interesse para nós. Como dissemos anteriormente, em duas das cidades vimos crianças participando do ritual, em outra, não. Ressaltamos que as formulações dos sentidos são determinadas pela memória, mas há deriva, deslizamento, porque há atualidade. Deve ser por este motivo que os jovens da cidade de Monte Belo não querem fazer parte das Companhias. Alguns pensamentos vão sendo designificados (E. Orlandi, 1999), mudam de sentido, porque as pessoas não querem mais as coisas como elas eram antes. Isso acontece porque há movimento na identidade, na significação do sujeito, mas estes sujeitos que não querem mais fazer parte das Companhias ganham outras coisas, outros modos de significarem-se. No nosso caso, podemos ver como esses jovens podem participar dos eventos de final de ano. Há muitas festas, reuniões de jovens. Isso pode parecer mais atrativo para esses jovens do que andar, a pé, por mais de dez dias, pagando uma promessa que não foram eles que fizeram. Porém, mesmo que não haja jovens nas Companhias de Reis da cidade de Monte Belo, há crianças e jovens participando do ritual de alguma outra forma.²² Então, notamos efetivamente o deslizamento dos sentidos, mas não uma mudança completa.

Há atualidade, mesmo que o sujeito não perceba. Um ponto em que acontece essa presença da atualidade é na andança da Companhia. Antes, como dissermos, as casas eram escolhidas aleatoriamente, hoje já é tudo organizado com antecedência para que os integrantes da Companhia possam participar do ritual durante todos os dias. A presença da atualidade, por este ponto de vista, organizou o ritual, mas não o descaracterizou; e essa mesma atualidade faz com que muitos jovens não queiram participar das Companhias, porque para eles não há mais sentido em se significarem na crença em Santos Reis. Porém, vimos a resistência dos mais velhos em continuar a fazer o ritual.

2.3 A memória discursiva que regula o discurso sobre ritual da Folia de Reis

²² Observemos imagens anteriores;

Entendemos também que o discurso sobre o ritual da Folia de Reis não é independente da memória discursiva dos sujeitos nem dos caminhos sociais e culturais percorridos por esse sujeito ou pelo discurso desse sujeito. Observamos isso pelas filiações sócio-históricas dos discursos que ouvimos. Sempre há uma retomada no discurso de outro sujeito, sempre há alguém que disse antes desse sujeito dizer.

Assim, quando o sujeito se manifesta discursivamente em relação ao ritual da Folia de Reis, ele retoma algo que já ouviu, que disseram a ele em algum lugar, em algum tempo que se passou. Ou mesmo algo que ele não ouviu, mas faz parte desse “saber” que não se aprende mas funciona produzindo seus efeitos. Observamos isso na citação de M. Pêcheux, ao definir o interdiscurso: “*‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar, independentemente’*” (1995, p. 162) produzindo, dessa forma, o efeito do já-dito. O sujeito do ritual da Folia de Reis sempre diz a partir de sua memória discursiva, filiado ao interdiscurso.

Tomemos como base de análise o seguinte questionamento: O discurso, a crença e o envolvimento do indivíduo, enquanto sujeito, estão filiados à memória discursiva de que forma em relação à festa folclórico-religiosa da Folia de Reis?

Observemos a seguinte transcrição do trecho de uma das entrevistas colhidas entre o período de 25 de dezembro de 2010 a 06 de janeiro de 2011. A partir dessas falas, poderemos perceber como o sujeito produz sentido no seu discurso religioso, colocando em ação a sua memória discursiva.

Transcrição 4:

Entrevistador (E): *Você tem muita crença no Santo Reis?*

Entrevistado (Ent): *Tenho. Tenho. Eu gosto muito. É uma tradição que começou com o meu pai.*

E: *Seu pai?*

Ent: *É.*

E: *Você começou a acreditar com ele?*

Ent: *Os mais velhos deixaram para nós e nós crescemos assim, e agora estamos passando para nossos filhos e lá vai...²³*

Ao observarmos a parte da transcrição 4 – “*Tenho. Tenho. Eu gosto muito. É uma tradição que começou com o meu pai.*” – percebemos que a entrevistada se filiou a uma rede de memória para responder, para significar-se naquele instante, colocando-se, assim, na posição-sujeito devota. Não somente isso, mas também, ao perceber que a pergunta era sobre a sua crença, logo a entrevistada lembrou-se do pai que começou a transmissão da crença para a família. Assim, percebemos ainda obediência a imagem do pai, pelo fato de a entrevistada abaixar a cabeça, parar o que estava fazendo e colocar-se em posição ereta. Seu corpo tomou outra forma, administrado pelo sentido do que dizia, segundo Orlandi (2011).

Se a situação discursiva, no seu sentido lato, é o que determina a circunstância da enunciação da Folia de Reis, quando a entrevistada diz “*Tenho. Tenho. Eu gosto muito. É uma tradição que começou com o meu pai.*” ela quer dizer muito mais do que realmente diz. Percebemos que além do que significou na sua posição-sujeito devota, a entrevistada fala do pai porque o que diz vem determinado pela Formação Discursiva em que se inscreveu o seu pai. Esse é um dos elos da corrente do discurso produzido pela entrevistada²⁴.

Outro ponto interessante é o fato de que ao dizer que a recepção da Companhia de Reis começou com seu pai, a entrevistada produz, no seu discurso, algo que sai do cotidiano e passa a ser, por assim dizer, sagrado. A postura da entrevistada deixa que percebamos isso. Chegamos a essa observação pelo fato de que o conjunto de condições que organizam os sentidos que constituem a formação discursiva da entrevistada estão regidos pela memória discursiva e pela projeção em seu discurso, da formação ideológica. Aqui percebemos a determinação histórica, do processo de significação em que se constituem os sentidos da senhora em questão. Notamos isso a partir do momento que percebemos a língua, o sujeito e a

²³ Entrevista conseguida em 25 de dezembro de 2010 na cidade de Jacuí, MG;

²⁴ Na pesquisa de campo, homens, mulheres, jovens e crianças foram entrevistados aleatoriamente, para que tivéssemos um material heterogêneo em relação ao discurso produzido sobre a Folia de Reis;

história de forma não-transparente. O sujeito, ao dizer, se significa. Quando a senhora da imagem diz, ela se significa, mas ao mesmo tempo, significa seu pai, já falecido, em sua crença.

Nas imagens da senhora que nos cedeu a entrevista da transcrição 3, percebemos essa mesma senhora que foi entrevistada sendo afetada pelo seu próprio discurso, em sua significação naquela situação discursiva. Isso aconteceu porque *“o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”* (ORLANDI, 2001, p.31). Ao falar sobre a crença em Santos Reis, ela foi afetada pela memória, pelo interdiscurso, que está intimamente relacionado ao pai. Notamos que o seu saber discursivo retornou sob a forma de já-dito – pelo pai – e que isso sustentou o seu discurso. Isso significou-a de tal modo, que sua gestualidade corporal mudou, como podemos observar nos fotogramas correspondentes (Imagens 20 e 21). Percebemos o respeito pelos dizeres e pela imagem do pai, da entrevistada em questão, com a mudança de postura corporal da mesma. Aqui percebemos a resistência do ritual da Folia de Reis. Mesmo com o pai já falecido, a entrevistada ainda oferece sua casa para a Companhia de Reis de apresentar.

Ainda em relação à memória discursiva e às formações ideológicas, podemos pontuar que o sujeito não é vazio, ele tem uma memória discursiva e está imerso em certas condições de produção. Quando esse sujeito ouve, ele produz relações de sentido com o que é ouvido. Dessa forma, a senhora da imagem produz relações de sentido com o que seu pai lhe significou há algum tempo e que produz seus efeitos sempre que entra no discurso da Folia de Reis. Isso porque a imagem que a senhora faz da Folia de Reis pode ser – e talvez seja mesmo – a mesma imagem que seu pai fazia antes dela. Isso acontece porque todo dizer é sempre atravessado pela ideologia. Neste caso, percebemos ainda a presença das relações de força (M. Pêcheux, 1969 apud Gadet e Hak, 1997). O pai da entrevistada tem, mesmo após a morte, um poder sobre o discurso da filha. Assim, percebemos, mais uma vez a presença da memória discursiva e os sujeitos se filiando a ela. Isso acontece porque as Formações discursivas são, no discurso, o reflexo da Formação Ideológica.

Sujeito e sentido se constroem ao mesmo tempo, interpelados pela ideologia. Assim, tudo o que a senhora disser sobre a Folia de Reis fará sentido para ela porque a Folia de Reis está inscrita na sua memória discursiva.

Na perspectiva discursiva somos seres simbólicos e históricos. Temos necessidade de fazer parte de um corpo social que nos complete. Desta forma, identificamo-nos a quem tiver ideologia igual ou parecida com a nossa. Por este fato é que a senhora da imagem lembra-se do pai – na verdade ela retoma os dizeres do pai e identifica-se a eles – porque naquela hora em que foi questionada sobre sua crença, automaticamente sua memória discursiva trouxe os dizeres de seu pai, e a ideologia dela e do pai, naquele momento, se igualavam no gesto de interpretação da senhora em relação à pergunta que lhe foi feita.

Outro ponto interessante da nossa análise é a formação discursiva em que a senhora entrevistada está inserida. Segundo Orlandi, *“a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.”* (2001, p. 43). A partir da definição de Orlandi, retomada de Pêcheux, podemos considerar como a entrevistada constitui o seu discurso em uma determinada formação discursiva. Ao fazer isso seu discurso tem um sentido, o da devoção em Santos Reis, e não outro sentido. As palavras não têm sentidos em si mesmas, por isso percebemos a derivação dos sentidos das palavras da senhora entrevistada da formação discursiva em que estas palavras se inscreveram: de quem pratica a Folia dos Santos Reis.

Sabemos, aqui, que os sentidos, na perspectiva discursiva, sempre são determinados pela ideologia. A discursividade é que nos mostra isso, quando notamos como a ideologia produz seus efeitos no discurso. Percebemos, também, por meio da materialização da ideologia no discurso da entrevistada, que o sentido do seu discurso se filia ao discurso de seu pai.

O respeito pelos sujeitos mais velhos também se faz presente na fala da entrevistada. É como se esses sujeitos organizassem, regulassem, administrassem o discurso da mesma.

Observamos também que a entrevistada não fala em nome da Igreja Católica, aliás, nenhum entrevistado, como veremos ao longo desse texto, nas transcrições, fala sobre a Igreja Católica, ou outra Igreja. Talvez porque, para a Igreja, os Reis Magos não são considerados santos, não foram santificados – beatificados ou canonizados –, mas são vistos pelos seus seguidores como entidades sagradas, santos, porque a eles são atribuídos muitos milagres, segundo nossos entrevistados.

2.4 Os “Reis” Magos que estão na Bíblia e outras considerações

Na Bíblia Sagrada dos cristãos, podemos encontrar passagens que nos esclarecem um pouco mais sobre “o que é ser santo?”. “...*que a recebais no Senhor como convém aos santos...*” (Romanos 16:2). “...*com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho no seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo*” (Efésios 4:12). “*Mas a impudícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos*” (Efésios 5:3). Assim, com estas passagens, podemos perceber que para a Bíblia Sagrada, a ideia da palavra “santo” é de um grupo de pessoas escolhidas para o Senhor e o Seu Reino. Portanto, nos termos das Escrituras, os “santos” são o corpo de Cristo, os cristãos (alguns), a Igreja.

Com isso, notamos que todos os cristãos são considerados santos diante dos ensinamentos da Bíblia Sagrada e ao mesmo tempo são chamados para serem santos. Podemos ver isso em Coríntios 1:2, onde há: “...*à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos...*” . Observemos que são os “chamados para” é que são santos. As palavras “santificados” e “santos” têm a mesma origem grega – *hagios*, que significa consagrado a Deus, divino, sagrado, piedoso²⁵.

25 Disponível em: <http://www.gotquestions.org/portugues/santos-cristaos.html>. Pesquisado em: 04 de julho de 2011;

Os cristãos são considerados santos, pela Bíblia Sagrada, quando estabelecem ligação com a crença, com os ensinamentos de Jesus Cristo; e são chamados a serem santos para cada vez mais permitir que a sua vida diária se aproxime da sua posição em Cristo. Na prática da Igreja católica, os santos são reverenciados, recebem orações e, em alguns casos, são adorados. Na prática da Bíblia sagrada, os santos são chamados a reverenciar, adorar e orar apenas a Deus. Assim, se ser santo significa ser santificado e está diretamente relacionado ao que é sagrado segundo a Igreja Católica, talvez seja por este motivo que nenhum dos entrevistados mencionou a Igreja Católica em seus dizeres. A denominação *Santos Reis* parece-nos vir pelo costume e não por seu texto autorizado. Não está na Bíblia, está no discurso dos sujeitos, quando estes estão em suas posições-sujeito devotos.

Devemos sempre observar que não é a identificação com o texto sagrado, que constitui a posição-sujeito devoto de Santos Reis, mas uma relação discursiva particular, popular e que reúne participantes que se identificam através e por um discurso que os significa como um grupo, com uma tradição, com uma crença. A que se manifesta, acontece, na Folia dos Santos Reis.

Há, aqui, uma mistura, um entrelaçamento dos dizeres da Bíblia Sagrada e da Igreja Católica. Como percebemos, há uma adoração aos Santos Reis, um ritual de adoração. Mas há também o fato que os Santos Reis não são considerados Santos pela Igreja Católica. Mais uma vez notamos a memória discursiva produzindo seus efeitos em todo o dizer dos sujeitos. Não há necessidade de se estabelecer uma regra, uma norma: o que vale para estes devotos do acontecimento discursivo da Folia de Reis é o discurso a que se filiam, pelo qual se significam e a sua fé. Assim, quando os sujeitos adoram os Santos Reis ou seguem os ensinamentos da Bíblia Sagrada, eles estão na posição-sujeito devoto.

A devoção é que importa. Podemos ver que a *devoção* adquire assim um sentido muito particular que não é apenas religioso, mas de afirmação de uma identidade que aí se processa.

Segundo Orlandi,

A identidade, como a considero, não é portanto, imanente, não é consubstancial ao indivíduo, ela é resultado de processos de identificação a partir do modo como o indivíduo é interpelado em sujeito pelo Estado (pelas instituições). A identidade é um movimento na história. (2004, p. 105)

Essa identidade resulta de um processo: não mudamos o tempo todo, mesmo se a identidade é um movimento na história. Ser considerado, ou não, Santo pela Igreja Católica não faz diferença, não diminui a fé desses sujeitos. Isso talvez aconteça porque a festa, dita, folclórico-religiosa da Folia de Reis é algo que muda, que não é estável. Alguns outros valores vão sendo agregados ao ritual: a presença da imagem de Nossa Senhora Aparecida, o agradecimento com a oração de uma Ave Maria e um Pai Nosso. Essas presenças, que em princípio não fariam parte deste ritual, tornam o folclore, aqui, algo móvel, capaz de produzir sentidos diferentes em sujeitos diferentes, mas sempre ligados a uma só linha ideológica: a crença em Santos Reis.

Podemos dizer que, no que Orlandi (2001) chama de individuação do sujeito (pelos discursos ou instituições), aqui se dá um modo de individuação do sujeito que, ao individuar-se, se identifica na posição-devoto de Santos Reis na sociedade em que vive, fazendo parte de um grupo que tem na forma de significar-se, o ritual dos Santos Reis.

2.5 O folclore desmuseificado e o sagrado

Consideramos, com as entrevistas e com esta análise, que não se pode tratar o folclore simplesmente como cultura popular, passadista e imóvel. Como algo do passado. Temos que observá-lo como cultura popular, como prática comum, popular, sem a predisposição de que o popular é algo que não trabalha a cultura fazendo-a se movimentar. O que é popular, aqui nesta análise, é cultural e está em movimento, assim como os sujeitos em seus processos de significação e seus modos de individualizar-se e processarem suas identidades no conjunto da sociedade em que vivem.

O folclore, para nós, não é só fragmento de memória, é memória discursiva com todas

as implicações da relação do real com os sentidos. Não é: já existiu e não significa mais; mas sim: significa sempre e cada vez de outros modos. Patrimoniar a cultura, portanto, é querer imobilizá-la. Assim, percebemos como, ao mesmo tempo que vem com sua memória, a Folia de Reis é atual e significa, hoje, as pessoas em seus sentidos filiados a uma memória que é viva e não só do passado lá atrás. Memória presentificada, acontecimento discursivo, prehe de sentidos.

A palavra “sagrado”, segundo o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Larousse, vem do latim *sacratus*, e quer dizer, “*referente a ou próprio de divindade, religião, culto ou ritos; sacro, santo. (...) Que infunde respeito ou veneração*” (2006, p. 2320). Esse conceito constitui uma das dimensões fundamentais da vida religiosa e designa uma área ou conjunto de realidades (seres, lugares, coisas ou momentos) que, de certa forma, estão separados do mundo profano comum, manifestando um poder superior e podendo ser abordados apenas ritualmente. Dessa forma, compreendemos o motivo do ritual: seria um momento de adoração aos Reis Magos. Mas esses rituais acontecem como aconteciam antes, há muitos anos, renovando-se e pretendendo que tudo permaneça da mesma forma mesmo sabendo que não permanece, ou se desloca, se re-significa, enquanto retorno do mesmo. A memória atua outra vez. Atualiza-se em sua presentificação. Tudo se perpetua pelo fato de que os sujeitos que fazem parte destes rituais ouviram e falavam sobre a Folia de Reis. Assim, significam-se no ritual da Folia de Reis. Mas não se cristalizam, movimentam-se.

Ainda sobre o acontecimento discursivo da Folia de Reis, enfatizamos que o ritual existe pelo fato de que o que é sagrado só pode ser reverenciado por meio dos rituais. Talvez seja esse o motivo das celebrações das Companhias de Reis. É por meio do ritual que os sujeitos admiram, adoram os Santos Reis. Renovam sua crença e se re-significam, re-identificam-se. Toda formação discursiva tem seus modos de manifestação enquanto práticas. Cada parte do ritual está ligada ao que é sagrado para os sujeitos que se envolvem com as Companhias de Reis. Todos os sujeitos são devotos de Santos Reis. Por este motivo, o

sagrado – visto por nós, ligado aos Santos Reis pelo milagre²⁶ – se faz presente por meio do ritual. Ser sagrado está relacionado com adoração, com a veneração por parte do sujeito que esteja na sua posição-sujeito devoto dos Santos Reis. Oferecer sua casa, um café, um almoço é uma forma de venerar o sagrado da Folia de Reis. São práticas que compõem o ritual e, logo, manifestam a crença nos Santos Reis. Tudo compõe esta prática ritualística, tudo retoma esta memória, tudo constitui este acontecimento discursivo.

Cada sujeito tem uma visão, uma crença na Folia de Reis mas, apesar de haver diferença no momento de falar – município diferente, data diferente – sobre o assunto proposto nas entrevistas, a crença nos Santos Reis, cada sujeito, sem exceção, assim que passa a fazer parte, que entra no acontecimento discursivo, mesmo que sem saber, tem as mesmas filiações discursivas, mostrando a mesma crença no sagrado que acontece na forma do ritual, como mostra o fotograma²⁷ abaixo.



IMAGEM 22: Companhia de Reis em formação no momento do canto

Quando analisamos o acontecimento discursivo da Folia de Reis, relacionamos nossa análise às condições de produção do discurso dos sujeitos envolvidos no ritual. Essas

26 Os milagres acontecem, segundo os entrevistados. Esses dizeres sobre os milagres estão nas transcrições mais adiante;

27 Foto obtida na data de 27 de dezembro de 2010, na cidade de Monte Belo, MG;

condições de produção, segundo Orlandi, “*compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção discursiva. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental (...)*” (2001, p.30).

Ao analisarmos as condições de produção do discurso sobre o ritual no seu sentido estrito, temos um sujeito que produz um discurso num contexto imediato. E se observarmos o contexto sócio-histórico, ideológico, teremos as condições de produção dispostas em um sentido amplo.

O contexto imediato, aqui nesta análise, seria o ritual em si. A celebração aos Santos Reis. As canções, o alimento servido, o altar; tudo isso faz parte deste contexto imediato. Já o que se diz “sobre” a Folia de Reis vem do contexto amplo. Não só o que diz, mas a relação do ritual com a sociedade, na história, e o modo como o ritual vai se construindo através de diferentes situações sócio-históricas. A memória discursiva e a ideologia regulam todo esse discurso sobre a Folia de Reis e, ao analisarmos esse discurso, percebemos uma deriva de outros discursos ditos antes, mas sempre produzindo o sentido da fé em Santos Reis.

Notamos, a partir de conversas com os componentes, enquanto sujeitos do ritual, os quais acompanham as Companhias de Reis que, apesar de haver problemas físicos e financeiros, muitos acompanham por estarem pagando promessas feitas em intenção da cura de uma doença. Muitas das Companhias saem em caminhada a pedido de algum sujeito que tenha feito uma promessa, mesmo que essa promessa não tenha sido atendida.

2.6 A formação Ideológica do sujeito na sua posição-sujeito devoto

Transcrição 5²⁸:

(...)

E: Todas as Companhias de Reis andam do dia 25 de dezembro até o dia 06 de janeiro com

28 Entrevista colhida na cidade de Monte Belo, MG, no dia 27 de dezembro de 2010.

intenção de promessa que alguém fez?

Ent: *É.*

E: *Ou vocês não andam só para representar o nascimento de Cristo?*

Ent 1: *A gente anda para cumprir a promessa de uma pessoa dessa.*

E: *Então, na verdade, todo mundo, é uma companhia mesmo. Vocês se reúnem para ajudar as pessoas que fizeram as promessas.*

Ent 1: *É isso.*

E: *Tem alguém que já pediu para a Companhia andar esses dias sem que a promessa tenha sido atendida?*

Ent 1: *Vou chamar aqui o nosso mestre.*

(chamando o embaixador da Companhia)

Ent 2: *Tem. Tem.*

E: *Tem mesmo?*

Ent 2: *Tem sim.*

E: *Mesmo com que a promessa não tenha sido atendida, mesmo assim, a Companhia anda?*

Ent 2: *Nóis anda só nessa época, no tempo da tradição. Na época da viagem dos três Reis Magos. Nóis tamo pagando aquela promessa, aquele milagre que a pessoa recebeu. E esse ano tamo aqui pagano a promessa do rapaz aqui, do (...). Para o ano que vem , tem outro que já chamou, Já tratamo onti com ele.*

(...)

De acordo com Haroche,

(...) cada formação ideológica constitui um complexo de atividades e representações que não são nem individuais nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente à posições de classe em conflito umas com as outras. Dessas formações ideológicas, fazem parte, enquanto componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas. (1971, p. 63).

Isso faz-nos pensar em como os sujeitos das Companhias de Reis têm tanta fé nos Santos Reis. Fé esta que move, por 12 dias, toda uma comunidade. Que envolve todos que ali estão e se disponibilizam a ajudar, de alguma forma, a realização do ritual. Essa fé é aliada ao desejo de sociabilidade. Nosso entendimento se torna mais acordado com as palavras de

Pêcheux, apud Gadet e Hak, sobre formação discursiva. Segundo o autor,

(...) aquilo que numa formação discursiva dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado de luta das classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição de um programa). (1997, pág. 160).

Percebemos, a partir das citações de Haroche e Pêcheux, que os sujeitos têm o poder que o discurso sobre a Folia de Reis dá a quem o diz. Cada um desses sujeitos, a partir de determinada formação discursiva na conjuntura ideológica, produz dizeres que os remetem a um dizer de fé, a uma posição-sujeito devoto, onde todos serão movidos pela crença em Santos Reis a acompanhar e ajudar no ritual da Folia de Reis.

No caso de uma festa popular em que a tradição cristã faz seus efeitos, como a Festa dos Santos Reis ou como qualquer outra de cunho religioso, ela se distancia, em determinados momentos, da rotina de utilização dos espaços ditos normais e se aproxima de espaços móveis que ela mesma produz, sem ter a necessidade de se fixar e se tornar permanente em locais sacralizados.

Essa é uma característica que demonstra a mobilidade das festas frente a novas realidades que, pela tradição, ficariam atreladas às regras fixas, mas distantes dos participantes e com a presença em novos espaços conseguem manter a tradição e a participação dos sujeitos.

De certa forma, foi perceptível que esses sujeitos tentam apropriar-se do discurso sobre a Folia de Reis, uma vez que esses embaixadores são tidos como os sábios – aqui neste contexto, detentores do saber discursivo –, os sujeitos que os rodeiam tomam como verdade as palavras ditas por eles, pelos mestres ou embaixadores como são denominados pelos companheiros. É o que chamamos de “performatividade”, na análise de discurso: o poder da palavra dos embaixadores fazerem com que não haja distância entre o dito e o realizado.

2.7 Os Três Reis Santos que são vistos como apenas um

Em algumas entrevistas, pudemos notar que muitos dos entrevistados se referem aos Santos Reis como *O Santo Reis* ou *Do Santo Reis*, como sendo uma entidade só, mesmo sabendo que na verdade são três. Essa sabedoria de que são três os Reis Santos, observamos numa das visitas quando estava colhendo o material das entrevistas.



IMAGEM 23: Os três arcos montados para receber a Companhia de Reis ²⁹

A imagem acima foi usada para mostrar os três arcos, os quais representam cada *Rei Santo* ou *Santo(s) Reis*, como dizem os sujeitos das Companhias de Reis ou os sujeitos que recebem essas Companhias. Esses arcos estão sempre montados e expostos do lado de fora das casas dos devotos na saída da Companhia de Reis – na primeira casa, do primeiro dia de cantoria e celebração – e na chegada – na última casa, do último dia da celebração.

Não foi possível perceber diferenças entre as crenças dos sujeitos das cidades observadas. Tanto em Jacuí, quanto em Monte Belo ou em Areado, o discurso é sempre sobre o mesmo: a crença em *um* Santo milagroso. Isso, essa singularidade/numeralidade gramatical em dizer que os Três Reis Magos, ou segundo a Bíblia “Magos” apenas, mostra ainda mais a ideologia da crença entre os sujeitos deste acontecimento discursivo associando-o à

²⁹ Imagem conseguida no Bairro Tormenta, município da cidade de Monte Belo, em 12 de outubro de 2010;

Santíssima Trindade..

Segundo a Bíblia Sagrada do Cristianismo, “*Tendo Jesus nascido, em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: ‘Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos o seu astro no oriente e viemos prestar-lhe homenagem’.*” (Mt 2, 1). Em nenhum outro momento é mencionado que seriam três ou que seriam Reis as pessoas que visitaram o menino Jesus, logo que este nasceu. Muitos dos sujeitos nem sabem disso e, quando questionados, dizem apenas que eles acreditam, que é a fé que move todas as Companhias de Reis.

Com isso, podemos perceber também uma presença da forma-sujeito histórica do sujeito da Idade Média, segundo Orlandi (2001). A forma sujeito que se determina não pelo jurídico (como na modernidade), mas pelo religioso (como na Idade Média). Observamos nas Festas de Reis um sujeito que obedece às Leis Divinas. As atitudes deste sujeito são reguladas pela Igreja que aceita que muitas Companhias se apresentem no dia 6 de janeiro – dia de Santos Reis – durante as celebrações religiosas do Dia de Reis. De certa forma, a Igreja não poderia ficar indiferente a algo que se move em nome da mais pura fé. Mesmo que seja fora da época destinada aos festejos das Companhias de Reis – entre 25 de dezembro e 6 de janeiro – tanto os sujeitos que acompanham as Companhias quanto a Igreja, ambos aceitam as festividades com a mesma fé, com a mesma esperança.

Durante as entrevistas, pude observar, nas conversas, que em Monte Belo e Areado as apresentações, dos dois municípios visitados, é sempre uma *promessa*, com a graça alcançada ou não, que move todos esses sujeitos. Outra vez percebemos a forma-sujeito histórica que poderíamos aproximar daquela da Idade Média – organizado, devoto, que não questiona (submisso), interpelado pelo religioso – aparente nos sujeitos que vivem em um mundo globalizado, onde a maior parte dos sujeitos se constituem em sua forma-sujeito, histórica de sujeitos jurídicos, de uma sociedade capitalista, segundo Orlandi (2001).

Percebemos que esses sujeitos que acompanham, que têm crença nos Santos Reis, significam nas Companhias de Reis, se inserem na sociedade que os rodeia. Isso se deve ao

fato de estarem todos inseridos em uma mesma Formação Discursiva e, portanto, identificados a certos sentidos e não outros.

A memória atua nestes sujeitos de forma a fazê-los pensar que suas formações discursivas são inatas. É próprio à estrutura-funcionamento da ideologia funcionar desta maneira: ao mesmo tempo em que torna evidente algum sentido, ela torna transparente o que não é. E, ao levarmos em conta a interpelação da ideologia no sujeito, percebemos que essa memória funciona de forma metafórica. A memória não repete o mesmo na metáfora, mas desliza a partir de uma formação discursiva, a formação discursiva da Folia de Reis.

Ao dizer, ao discursar sobre sua crença, os sujeitos da Folia de Reis se significam no mundo, pela formação discursiva em que estão inseridos. O discurso produz sentido ou efeito de sentido nos sujeitos que os produzem. Isso pôde ser observado durante as entrevistas. Os sujeitos falam sobre sua crença de forma segura. Há uma realidade, podemos dizer, apartada da Folia de Reis. Muitos sujeitos não significam fora desse mundo, não se inserem na sociedade de forma ativa, mas durante as manifestações, os festejos, esses sujeitos discursam, participam, significam. Pensamos, aqui, que isso deve ocorrer devido ao fato de que a memória discursiva desses sujeitos fala de modo a inseri-lo no acontecimento discursivo da Folia de Reis, criam ali um espaço de significação que os afeta.

Outro ponto de atenção é, dentro do imaginário, a fala cristalizada das Companhias de Reis. Tudo nos parece repetitivo. E o é. São litânias. Assim que as entrevistas eram feitas, pude perceber um efeito parafrástico de discurso em todos os discursos. Todos os sujeitos discursam sobre o mesmo filiados, pareceu-nos, à mesma memória discursiva, embora sejam sujeitos diferentes nas profissões, nas cidades em que residem, inscritos em formações discursivas, aparentemente diferentes. Todos os dizeres giram em torno do mesmo dizer: a crença em Santos Reis como santos milagrosos e capazes de atender aos pedidos dos seus fiéis. Os dizeres dos sujeitos podem estar se repetindo, se reproduzindo, mas significando de forma singular porque cada sujeito se significa de uma forma. O discurso pode ser sobre o mesmo, mas nunca será apenas o mesmo. Haverá sempre um discurso outro, que rompe com a

memória discursiva que sempre será regulada pela ideologia que constitui cada sujeito em relação ao processo discursivo sobre o(s) Santo(s) Reis. Mas há singularidades possíveis. Assim, na retomada, o novo está nas condições de produção e na relação do sujeito com o que ele diz. Essa repetição aparentemente acontece quando se pensa que a língua é transparente. Porém, quando percebemos a sua opacidade, a sua não-transparência, percebemos que não são ditas as mesmas coisas. Pode sempre haver algo diferente a se dizer sobre o mesmo assunto. Ou seja, o que acima chamamos de parafrástico se desdobra, desliza pela deriva do efeito metafórico e já não é o mesmo. Percebemos isso nas entrevistas: os sujeitos manifestam os seus dizeres sobre a Folia de Reis, mas produzem efeitos de sentidos diferentes. Isso se dá devido ao fato de que o modo como se ligam à rede de filiações discursivas de cada um desses sujeitos é diferente, assim como são diferentes as condições em que produzem seus dizeres.

Penso, aqui, que o discurso da crença seria uma formação discursiva em que se inscrevem todos os sujeitos. Ora, se são sujeitos que, pelo que pudemos observar pela nossa análise, creem num discurso religioso, que acompanham sempre o mesmo ritual, como poderiam ser diferentes seus discursos em relação à Folia de Reis? Além disso, a memória discursiva da Folia de Reis os afeta da mesma maneira. Por isso estão assim filiados a essa mesma memória. No entanto há rupturas, falhas, pelas quais os sujeitos acabam, muitas vezes, produzindo a diferença.

CAPÍTULO III – A INTERPRETAÇÃO DO SUJEITO NA POSIÇÃO-SUJEITO DEVOTO SOBRE O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA FOLIA DE REIS

Neste capítulo, veremos alguns apontamentos sobre os gestos de interpretação que o sujeito, na sua posição-sujeito devoto, faz sobre o acontecimento discursivo da Folia de Reis. Sabemos que o sujeito interpreta a partir de uma memória, da sua memória que determina sua atualidade. Essa memória faz com que o discurso do sujeito faça sentido dentro de uma Formação Discursiva dada e filiado a Condições de Produção. Porém, este discurso está sempre sujeito a deslocamentos. Estes deslocamentos produzem, em condições determinadas, equívocos.

Faremos algumas transcrições das entrevistas feitas nas cidades de Jacuí, Areado e Monte Belo. Veremos interpretações diferentes para o mesmo fato: a Folia de Reis. Observamos que na cidade de Jacuí, o que move o ritual é a **tradição**, nas outras duas cidades é a **promessa**. Como dissemos, procuraremos compreender porque o ritual é feito de formas iguais, mas por motivos diferentes.

Uma observação importante é que o fator desencadeador é igual: a crença em Santos Reis, mas as bases são diferentes. Essas bases são a promessa e a tradição. Vimos que mesmo pela tradição ainda há religiosidade, crença e devoção. O(s) Santo(s)³⁰ Reis são vistos pelos seus devotos como entidades milagrosas. Percebemos que muitos desses sujeitos, mesmo com comprovação científica de suas enfermidades, ainda assim, esses sujeitos, em suas posições-sujeitos devotos, continuam atribuindo as curas ao(s) Santo(s) Reis.

3.1 A promessa como elemento que desencadeia o acontecimento discursivo na cidade de Monte Belo, MG

30 Mais adiante veremos essa unificação dos Três Reis Magos que os sujeitos fazem nos seus dizeres sobre a Folia de Reis;



IMAGEM 24 : senhor que nos concedeu a entrevista transcrita acima.

Na cidade de Monte Belo, obtivemos os seguintes dizeres:

Transcrição 6:

E: *Qual que foi o motivo dessa Folia de Reis? Você pode contar ou não?*

Ent: *O motivo é que eu **fiquei doente, fazendo hemodiálise** e eu... para mim... a gente sofria muito e eu fiz é... **pedi para Santo Reis que me ajudasse**, que eu sarasse e eu cumpria a promessa para Santo Reis. E graças a Deus, eu sarei e **se Deus quiser** vou cumprir a minha promessa.*

E: *Tá. Você vai acompanhar a Folia, todos os dias, até dia 6?*

Ent: *Vou acompanhar. Até a chegada, dia 6, na chegada.*

E: *E vai chegar onde?*

Ent: *Vai chegar na Rancharia, no Zezé meu irmão.*

E: *Na casa do Zezé?*

Ent: *É.*

E: *Qual a sua devoção? Por que santos Reis e não outro santo?*

Ent: *É porque Santo Reis é um santo milagroso, né? Fiz intenção. Pedi para ele.*

E: *Obrigada.*

Começamos nossa análise pela seguinte parte da transcrição acima: “*O motivo é que eu fiquei doente, fazendo hemodiálise e eu... para mim... a gente sofria muito*”. Notamos, aqui, que o sujeito não diz o nome da doença que teve – insuficiência renal. Isso acontece, esse não-dizer, não nomear, muitas vezes por pessoas mais velhas, humildes, que acreditam na invocação, no chamamento da doença quando seu nome é pronunciado. O que é muito

provável nesse caso, por se tratar de um devoto, portanto alguém que “acredita religiosamente na força das palavras” (E. Orlandi, 2001). Aqui, neste momento, observamos a “(...) *manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento (...)*” (PÊCHEUX, 2002, p.51) Essa *higiene pedagógica do pensamento* acontece para que, durante a produção do discurso, no processo de memória para produzir e interpretar o discurso, o que não se deve ou não se quer, não seja dito.

Todo esse processo de silenciar (E. Orlandi, 1993) o que se pensa acontece por causa da formação ideológica do sujeito. O dizer e o não-dizer fazem parte do discurso e, neste caso, de parte da transcrição acima, o que foi silenciado diz-nos muito mais do que o dito. Aqui, neste momento da análise, o silenciado indica-nos um sujeito com raízes fincadas em uma ideologia dominante que recrimina, separa, segrega nomeações que causam sofrimento e dor.

O silêncio sobre o fato de o Senhor da Entrevista ter feito um transplante faz com que ele se mantenha, enquanto sujeito, no discurso religioso. Isso realça a presença da religiosidade no discurso do entrevistado.

Outro ponto importante é a fala do entrevistado em que ele diz “*santo milagroso*”. Esta fala do entrevistado, podemos interpretar como sendo uma finalização da fala, pois ele, o entrevistado, dá ênfase ao milagre, falando deste e não falando do transplante. Assim, percebemos um processo de deriva entre transplante e milagre.

A presença do ideológico no espaço simbólico está, pois, presente no discurso do sujeito entrevistado. Na formulação discursiva do sujeito citado acima, percebemos uma filiação a uma memória discursiva que disse antes dele. Uma memória que regula o seu dizer por meio de uma formação ideológica. Esta filiação é identificadora desta formação ideológica. Assim, percebemos um sujeito submetido a sua ideologia, subjetivando-se dentro da estrutura discursiva que ele produz.

Tudo isso acontece porque “*o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação*” (HENRY, 1992, p.188). Então,

percebemos um sujeito, antes de tudo, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia que regula tudo que esse sujeito venha a dizer. Assim, observamos um sujeito do discurso, afetado pelo inconsciente (enquanto sujeito de natureza psicanalítica) e o sujeito da ideologia (assujeitado) ambos constituídos e revestidos pela linguagem; e é nessa linguagem que observamos um sujeito que produz o não-dito, ou seja, que significa pelo não dizer.

Outra parte de muita valia para nossa análise é: “(...) *a gente* sofria muito (...)”. Nesta passagem notamos no “*a gente*” a presença da família do sujeito. Percebemos que ele juntou-se com sua família num momento de sofrimento em que todos sofriam. Notamos que ele não se individualiza para falar sobre o sofrimento. Isso permite-nos compreender que a família deste sujeito é unida, que o acompanhou durante todo o processo da sua doença e de sua recuperação³¹. O sujeito analisado faz um gesto de interpretação (E. Orlandi, 2004) que produz o efeito de sentido de unir e de não excluir a família de seu tratamento. Como podemos observar, a linguagem não é simplesmente para transmitir informação.

O lugar de onde o sujeito fala significa este sujeito. Isso, esse lugar de onde o sujeito fala, segundo M. Pêcheux (1969) apud Gadet e Hak (1997), projetado pelas formações imaginárias no discurso, e inscrito em uma formação discursiva, o coloca na sua posição-sujeito. Foucault diz que “*não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar*” (2005, p. 139). No quadro teórico da análise de discurso não basta falar em lugar (o que pode levar a uma posição sociologista, a que fala em lugar social como profissão, idade, escolaridade etc). Assim, no caso da presente análise, e tomando como referência a análise de discurso, o lugar de onde o sujeito falou na entrevista é um lugar que se projeta, pelo imaginário, numa posição de devoção, de fé, de agradecimento, onde ele relembra o seu sofrimento causado pela doença. Posição de um sujeito devoto.

31 Acompanhei parte do tratamento deste senhor. Não havia parente compatível para doar-lhe um dos rins. Durante muitos anos ele fez hemodiálise até conseguir um doador. Quando este doador foi descoberto, sua saúde estava debilitada e ele não poderia receber o órgão. Sabendo disso, percebemos e podemos afirmar que o “*a gente*” é mesmo a família, os amigos, todos que o acompanharam durante todo o tratamento.

Uma outra parte muito interessou: “(...) a gente sofria muito e eu fiz é... pedi para Santo Reis que me ajudasse, que eu sarasse e eu cumpria a promessa para Santo Reis. E graças a Deus, eu sarei e se Deus quiser vou cumprir a minha promessa.”

Nesta parte da entrevista observamos que o sujeito diz primeiro “ (...) a gente sofria muito (...)” e prossegue dizendo “(...) e eu fiz é... pedi para Santo Reis que me ajudasse, que eu sarasse e eu cumpria a promessa para Santo Reis.” Aqui, neste ponto, como vimos acima, o sujeito fala incluindo toda sua família em “a gente sofria muito” e depois, saindo dessa sua posição-sujeito e passando para outra, assume, sozinho, a responsabilidade de pedir a graça e de agradecê-la. Podemos observar isso em “(...) e eu fiz é... pedi para Santo Reis que **me** ajudasse, que **eu** sarasse e **eu** cumpria a promessa para Santo Reis.”. Ele, o sujeito muda de posição no discurso porque o que o sujeito diz, ele não diz de qualquer lugar. A formação discursiva regula o seu dizer, atravessa a sua linguagem, colocando-o como sujeito do seu discurso, mas para isso, cabe a esse sujeito posicionar-se neste discurso. A partir desta posição-sujeito ele argumenta mas não controla o jogo da argumentação porque não tem acesso direto às filiações ideológicas.

Podemos retomar a mesma parte da transcrição anterior “(...) a gente sofria muito e eu fiz é... pedi para Santo Reis que me ajudasse, que eu sarasse e eu cumpria a promessa para Santo Reis. E graças a Deus, eu sarei e se Deus quiser vou cumprir a minha promessa.” onde podemos ter em conta mais um elemento importante para análise.

Num primeiro momento o entrevistado não diz a palavra “promessa”. “(...) e eu fiz é... pedi para Santo Reis (...)” Onde usamos as reticências no texto transcrito significa uma pausa na fala do entrevistado. O entrevistado fala, faz uma pausa e quando prossegue não diz “promessa”, diz “pedi”. Talvez seja para amenizar o peso da palavra “promessa”. Porém, quando se segue a entrevista, a palavra promessa é enunciada duas vezes.

Podemos assim observar que o entrevistado, na sua posição-sujeito devoto, no seu discurso, esconde para revelar depois e isso produz um efeito de sentido. Orlandi (2001) diz que “um discurso não é transmissão de informação, mas efeito de sentido” (p. 120). O como

o sujeito fala, significa. E o sujeito significou-se ao não-dizer a palavra promessa. Da mesma forma que este mesmo sujeito significou-se dizendo, posteriormente, a palavra promessa. Ao silenciar, num primeiro momento, a palavra “promessa”, o sujeito provoca um efeito de sentido que é realçado pelo próprio sujeito num segundo momento, na mesma estrutura discursiva. Este efeito de sentido é o de que ele é devoto de Santos Reis.

Esse silenciamento (E. Orlandi, 2007) da palavra “promessa” está, pensamos, relacionado ao mecanismo da antecipação (M. Pêcheux, 1969 apud Gadet e Hak, 1997). A imagem que o entrevistado fazia do entrevistador poderia ser vista como um abismo e não como um espelho (ORLANDI, 2001). O entrevistado, na sua posição-sujeito devoto, pelo mecanismo de antecipação, se coloca no lugar de quem o ouve, no lugar de para quem o seu discurso é dirigido, mas isso a partir do seu próprio lugar. Isso está relacionado às Formações Imaginárias.

Como sabemos, em seu AAD/68 (1969 M. Pêcheux já coloca que, no funcionamento discursivo, há todo um jogo de formações imaginárias. E estabelece que as relações entre locutores e com o referente discursivo são constituídas por essas formações. Assim, o que se tem é, considerando-se I=imagem; A= locutor; B= interlocutor; R= referente, o seguinte quadro:

IA(A): imagem que o locutor faz de si mesmo. IA(B): imagem que o locutor faz do interlocutor. IB(A): imagem que o interlocutor faz do locutor. IA(R) imagem que o locutor faz do referente do discurso etc. E com o *mecanismo de antecipação* – a capacidade que tem todo sujeito de se imaginar no lugar do outro - temos a complexidade que segue: IA(IB(IA(R))) e assim por diante.

A imagem que o entrevistado fez do entrevistador foi a de que o entrevistador ficaria chocado ao ouvir a palavra promessa. Isso pode ter ocorrido pelo fato de que “promessa” é algo sagrado, algo ligado diretamente à religiosidade, à crença. Em um momento do discurso, as formações ideológicas, projetadas na formação discursiva, e amparadas pelas condições de produção podem ter regulado o discurso, nessa direção de silenciar.

Essa antecipação é relacionada, diretamente à distância que o interlocutor, no caso o entrevistador, poderia aparentar do locutor, aqui, o entrevistado. A distância pode estar relacionado ao nível intelectual, social ou, no nosso caso, religioso.

No discurso do entrevistado há ainda uma progressão, uma sequência de ideias. Em “(...) a gente sofria muito e eu fiz é... pedi para Santo Reis que me ajudasse, que eu sarasse e eu cumpria a promessa para Santo Reis. E graças a Deus, eu sarei e se Deus quiser vou cumprir a minha promessa.”, percebemos que primeiro o sujeito “sofre”, depois ele “pede ajuda” aos Santos Reis, depois este sujeito “consegue a cura” para sua doença e, por fim, vai “cumprir a promessa” que fez.

Essa interpretação feita pelo sujeito, esta escolha de quais palavras dizer, qual discurso produzir, o que falar diante de um entrevistador está relacionado às Formações Discursivas e às Formações Imaginárias. Antes de responder a qualquer pergunta, o entrevistado tem em sua mente a imagem que o entrevistador teria dele. Isso tudo é inconsciente. Ao dizer, o entrevistado não fica observando estas formações imaginárias antes de responder. É o inconsciente que faz isso. Orlandi nos diz que “o mecanismo de resposta é afetado pelas antecipações” (2001, p.126). As respostas são formuladas por meio das antecipações. Antes de dizer, o sujeito relaciona suas palavras ao que quer que o outro perceba, veja, pense. Assim, quando o entrevistado colocou sua resposta de forma gradativa, uma sequência de fatos e ações, uma análise possível é que este sujeito gostaria que o entrevistador percebesse sua caminhada, sua história. Gostaria que este entrevistador observasse a sua crença e a sua dedicação em cumprir a promessa. Vemos aqui uma ligação ao fato de que o entrevistado, talvez, tivesse receio de não parecer, diante do entrevistador, como uma pessoa devota, crente, religiosa. Aqui, percebemos a atuação dos mecanismos de antecipação. O sujeito diz, de acordo com suas antecipações, para tentar direcionar o pensamento do outro. Neste caso, para não parecer não-devoto.

3.2 A tradição que move o acontecimento discursivo na cidade de Jacuí, MG

Em um outro momento, na cidade de Jacuí (MG), conseguimos a seguinte entrevista:

Transcrição 7:

Entrevistado 1 (Ent 1): *Na hora que vai chegando é mais bonito de ver.*

Entrevistado 2 (Ent 2): *A hora da chegada “rebenta” muito foguete, dá muito viva. É lindona mesmo a festa. Precisa ver.*

Entrevistador (E): *Vocês estão ajudando aqui desde que dia?*

Ent 1: *desde hoje só.*

Ent 2: *Desde o começo da festa elas estão ajudando. Desde sexta-feira. Sexta, sábado, domingo, daí vai. Até o dia ... seis, da festa. Cada casa da janta é uma festa... e grande... e boa... (risos)*

E: *A comunidade inteira vem?*

Ent 2: *Vem. Do lugar vem todo mundo e vem muita gente de fora, mas não é de todo lugar não.*

E: *Vem gente que não acredita em Santos Reis, a senhora acha?*

Ent 2: *Vem, vem.*

E: *Mas por que será?*

Ent 2: *Cada um tem uma natureza, tem um pensar.*

E: *É?*

Ent 2: *Ele é milagroso. Se tiver fé nele é... a gente já viu muitos milagres.*

E: *Aqui hoje é promessa ou não?*

Ent 2: *Não. Aqui é tradição.*

E: *Todo ano serve...*

Ent 2: *Todo ano, aqui é tradição.*

E: *A senhora já serviu já serviu almoço na casa da senhora?*

Ent 2: *Já. Dei muitos anos para trás. Foi até que eu não dei conta mais e passei para as mais novas (risos).*

E: *E a senhora continua ajudando as mais novas?*

Ent 2: *Ajudo. Algum pouquinho que eu posso eu ajudo. Nem que seja para comer (risos).*

E: *E você, gosta da Folia de Reis?*

Entrevistado 3 (Ent 3): *Uhh (faz um gesto de sim com a cabeça).*

Ent 2: *Fala para ela que você gosta. Que você toca. Que você canta.*

E: *Você já sabe cantar alguma coisa?*

Ent 3: *Sei.*

E: *Sabe as músicas todas?*

Ent 3: *Ahh... eu mais, eu sou... mais eu toco.*

E: *E o que que você toca?*

Ent 3: *Folia de Reis.*

E: *Mas qual instrumento?*

Ent 3: *Violão.*

E: *Violão? E você aprendeu a tocar com quem?*

Ent 3: *Com um parente meu. O Eder, um tal de Eder.*

Ent 2: *Fala que tem a escola lá em Jacuí.*

Ent 3: *Ahh, haa.*

E: *Mas você acompanha a Folia de Reis?*

Ent 3: *Acompanho.*

E: *Os doze dias?*

Ent 3: *Sim.*

E: *Vai junto?*

Ent 3: *Vou.*

(...)



IMAGEM 25: as três senhoras da entrevista acima



IMAGEM 26: Entrevistado 3 da transcrição 7

A partir da entrevista transcrita acima, tomemos como ponto inicial de análise a seguinte parte: “*A hora da chegada rebenta muito foguete, dá muito viva. É lindona mesmo a festa. Precisa ver.*”. Se pensarmos na relação com a alteridade (outro), perceberemos nesta fala que a senhora entrevistada produz um discurso a partir do entrevistador. Este discurso acontece no espaço discursivo que se criou entre entrevistador e entrevistado. Ao analisarmos a fala da entrevistada, notamos que esta não está apenas convidando o entrevistador para participar do ritual quando diz “*Precisa ver.*”. A entrevistada está tentando mostrar ao entrevistador a importância e a grandiosidade do ritual que estão preparando.

Segundo Brandão, “*o sujeito é ele mais a complementação do Outro*” (2002, p.46). Com base na citação anterior, percebemos que o sujeito, no nosso caso, a senhora entrevistada faz do outro, aqui, o entrevistador, o complemento do seu discurso. Na verdade, a complementação está no espaço discursivo onde acontece o discurso. Assim, a senhora da nossa entrevista só se imagina completa na relação com o entrevistador.

Tomemos agora outra parte da entrevista: “*Desde o começo da festa elas estão ajudando. Desde sexta-feira. Sexta, sábado, domingo, daí vai. Até o dia ... seis, da festa. Cada casa da janta é uma festa... e grande... e boa... (risos)*”. A senhora que nos concedeu estas palavras mostra-nos a importância, para todos que participam do ritual da Folia de Reis, no bairro Mato Dentro, na cidade de Jacuí, de se fazer uma recepção *grande e boa*.

A senhora se posiciona no discurso a partir de sua Formação Imaginária. Novamente vemos esse mecanismo de antecipação agindo no discurso. Antes mesmo que fosse perguntado à entrevistada, como é a festa, qual a sua proporção, a entrevistada já antecipa a imagem que o entrevistador possivelmente faria do que via – a organização, o preparo do alimento. Esse mecanismo de antecipação, aqui, pode ter funcionado pelo fato de que a casa é humilde, não há muitos recursos eletrônicos, contudo, havia muita união entre todos que ali estavam. A festa “grande” e “boa” pode ser vista como algo que faz com que todos ali se sintam “grandes” e “bons”. Grandes pelo fato de organizarem o ritual e “bons” pelo fato de que se unem, se ajudam e fazem o ritual. Os risos no final da fala são de alegria, de satisfação por poder contar a alguém como é o ritual que eles ajudam a preparar.

Em outra parte da entrevista podemos analisar as seguintes falas: *“Não. Aqui é tradição.(...) Todo ano, aqui é tradição”*. O que percebemos, com as informações da entrevista acima, é um deslizamento no motivo da realização do ritual. Em Monte Belo, o motivo é a promessa. Já em Jacuí, é a tradição. Faz-se celebração porque segue-se uma tradição de sempre fazê-la. A Festa grande e boa, resultado da tradição é também espaço de diversão, de convivialidade, e da ligação entre as pessoas na formação do grupo.

Como vimos da transcrição 5, a promessa é que move o acontecimento discursivo da Folia de Reis na cidade de Monte Belo. Já na cidade de Jacuí, o que move o acontecimento é a tradição. Na transcrição 3 percebemos isso claramente. A senhora da entrevista conta-nos que aprendeu sobre o ritual com seu pai e segue esses ensinamentos. Vemos, assim, a tradição conduzindo, norteando o ritual na cidade de Jacuí.

Com o exposto, vemos um deslocamento nas filiações discursivas dos entrevistados. Em cada cidade observamos um recorte ideológico distinto em relação ao ritual da Folia de Reis. Aqui, não percebemos apenas uma mudança nas condições de produção. Vemos muito mais que isso. Vemos sujeitos com filiações discursivas que apontam para distinções. Isso leva-nos a compreender que a formação discursiva em que se inscrevem os sujeitos apresenta uma certa heterogeneidade. Não existe um discurso somente. Há vários discursos, e não são

mera repetição do mesmo. Como as filiações discursivas são diferentes, o discurso não se torna uma repetição do outro; mas mesmo assim ainda há uma base que unifica essa discursividade: a fé.

Notamos redes de memória e trajetos sociais que norteiam o discurso produzido pelos sujeitos em relação à Folia de Reis. Pêcheux nos propõe que

(...) todo discurso marca uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (...) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não afeta, de uma maneira ou de outra, por uma “infidelidade” no sentido performativo do termo (2002, p.56)

Com base na citação acima notamos como acontece essa diferença na filiação do discurso que, aparentemente, deveria ser o mesmo. As condições sócio-históricas regulam o discurso. O lugar de onde se fala, para quem se fala, a memória discursiva, as condições de produção, enfim, tudo isso pode provocar um efeito de sentido diferente em cada sujeito quando esse sujeito se coloca na posição-sujeito devoto de Santos Reis.

Assim, o discurso sobre o acontecimento discursivo da Folia de Reis, enquanto acontecimento discursivo, desestrutura para reestruturar-se diferentemente. Quando observamos que em uma cidade o discurso é sobre a tradição e na outra é sobre a promessa, percebemos essa desestruturação-reestruturação. Seria como se o ponto de apoio do discurso rompesse com suas filiações. Porém, se isso acontece, acontece só parcialmente. O discurso apenas desloca suas filiações discursivas, não as rompe. Isso acontece, como dissemos acima, por causa da fé. A fé que move todos esses sujeitos do ritual, seja por promessa ou por tradição, é semelhante. A crença, a devoção são o que filiam a esta fé em Santos Reis.

Num outro momento da entrevista observamos mais uma vez as Formações Imaginárias das quais falamos anteriormente em funcionamento. A antecipação está presente em: *“Fala para ela que você gosta. Que você toca. Que você canta”*.

Antes que o entrevistado 3 responda ao que lhe foi perguntado, a entrevistada 2 quer que o entrevistado 3 diga que *gosta*, que *toca* e que *canta*. A entrevistada 2 se antecipa ao que o entrevistador possa pensar diante de uma resposta que pudesse prejudicar o entrevistado 3. Assim, ela tenta induzi-lo a responder o que lhe foi perguntado. Ou ela induz a dizer o que ela gostaria que fosse dito. Quer colocar suas palavras na fala do outro.

Notamos outra vez uma sequência no dizer. Os verbos foram usados na seguinte ordem: *gostar*, *tocar* e *cantar*. Essa ordem não é mero acaso. O que podemos observar é que antes de saber tocar algum instrumento, ou mesmo de saber cantar, é preciso gostar da Folia de Reis; é preciso se fazer presente no ritual pelo gosto por ele. E o que está significado neste “gostar”? Muitas coisas, inclusive a crença e a tradição, o costume, o encontro com o grupo, na sua identidade.

Quando a entrevistada 2 ouviu a minha pergunta, tratou de antecipar a resposta do entrevistado 3. Notamos assim o funcionamento discursivo que “*é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas.*” (ORLANDI, 2001, p.125). Desta forma, o discurso determinado seria o ritual da Folia de Reis; o falante determinado seria a entrevistada 2 e não o entrevistado 3 pelo fato de a entrevistada 2 responder pelo entrevistado 3; e o interlocutor determinado seria o entrevistador; as finalidades específicas seriam mostrar ao entrevistador as qualidades do entrevistado 3, o gosto que ele teria pela Folia de Reis. Essa antecipação em responder pelo entrevistado 3 pode ser pelo fato de ele ainda ser uma criança e poder não saber como responder de forma a honrar os conhecimentos do ritual da Folia de Reis. Mas, sobretudo, significa o sentido “de grupo” dado ao ritual.

Como a imagem dominante não pode ser aquela que produzimos sobre nós, mas é aquela que outro produz sobre o objeto $IB(R)$ – no nosso caso o objeto é a Folia de Reis – o referente ou aquela que o sujeito (outro) faz dele mesmo $IB(B)$. Assim, no imaginário também está pensada a ideologia. Sabemos que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e que disto resulta a determinação histórica desse sujeito. Percebemos então que esse percurso do

imaginário culmina nas situações concretas. Porém, devemos levar em conta, junto com as situações concretas, as situações do imaginário. Tudo que está relacionado ao imaginário do sujeito nos interessa. Assim, quando a entrevistada 2 antecipa a resposta – penso que a entrevistada 2 interfere mesmo na resposta – do entrevistado 3, ela quer regular o discurso do entrevistado 3. Desta forma a entrevistada 2 *cerca* o discurso do entrevistado 3 para que esse discurso seja o discurso que a entrevistada 2 quer mostrar que o entrevistado 3 tem.

Portanto, no trecho da transcrição, “*Fala para ela que você gosta. Que você toca. Que você canta*”. Notamos que não há apenas uma representação entre interlocutores, mas sim a relação que esses interlocutores – entrevistado 2, entrevistado 3 e entrevistador – fazem com a formação ideológica que os determina. Isso tudo está marcado no funcionamento discursivo e pelo funcionamento discursivo.

Em outro momento da conversa observamos outra interferência da entrevistada 2 no discurso do entrevistado 3. “*Fala que tem a escola lá em Jacuí.*”. Percebemos então, outra vez, o que já expusemos anteriormente: a interferência da entrevistada é a materialização da posição sujeito dela como matriarca da família. Ela ordena o discurso dos seus. O entrevistado 3 é neto da entrevistada 2. A entrevistada 2 mostra-nos firmeza no discurso. Brinca com o dizer.

O que estamos analisando pode ser compreendido no que diz Authier-Revuz:

ao “assumir o esforço” de especificar desta maneira o sentido de um elemento X, o enunciador dá testemunho da potencialidade de um sentido outro que ele “encontra”, não “na língua”, mas nas palavras aqui e agora, em contexto, e do qual deve proteger ativamente o dizer. (1998, p.30).

Desta forma, a entrevistada 2 protege o seu discurso ao interferir e antecipar as respostas do entrevistado 3. Ao mesmo tempo, ela sai da sua posição-sujeito devota para a posição-sujeito avó e matriarca de sua família. Antes que o entrevistado 3 não diga ou diga outra coisa, a entrevistada 2 responde por ele e tenta direcionar o que o entrevistado 3 irá dizer.

3.3 Folclore e devoção

Observemos a transcrição 8. Ela ajudará na nossa compreensão da presença dos sujeitos, do gosto pelo ritual e de como significam a Folia de Reis.

Transcrição 8:

Entrevistador (E): *Eu reparei que tem... que tem umas flores nas... nos instrumentos, nas roupas. Você sabe o porquê dessas flores?*

Entrevistado (Ent): *Sei.*

E: *Têm umas fitas penduradas. É só para enfeitar ou tem algum significado?*

Ent: *Eu acho que mais é para enfeitar mesmo.*

E: *Para enfeitar mesmo?*

Ent: *Mas os mais antigos podem dizer se tem algum significado. Às vezes tem e eu não sei. Mas eu acredito que não. Mais é para enfeitar mesmo. É porque, assim, um exemplo, tem uma dupla, os instrumentos deles é... não tem nada. A viola, o violão, tudo lisinho, bonitinho. Já aquilo ali é para dar um... eu vou falar uma palavra aqui não vai sair ela certo... **vo... fo... folclório.***

E: *Folclore?*

Ent: *É uma tradição que vem lá dos...*

E: *Então, assim... vocês vão fazendo e vão repetindo porque os pais de vocês faziam, os avós faziam...*

Ent: *Mas é por aí... para não deixar acabar. Por que, assim, um exemplo, se acabar aquilo lá, a tradição, aí vem que nem o Fabrício ali (aponta para o entrevistado 3 da transcrição 6) que está começando já vai com o violão dele limpinho lá e fala “não, eu não quero isso não”. E se já colocar a primeira vez ele já vai crescer com aquilo lá.*

Ent 2: *Já começa a gostar.*

E: *É uma forma de vocês passarem isso para os filhos e o filhos para os netos e por aí vai?*

Ent: *É isso mesmo.*

E: *O senhor nunca pensou em cantar em Folia de Reis não?*

Ent: *Querer eu quero, mas não dou conta.*

E: *Por quê?*

Ent: *Não sei se é o dom... e gosto... e sei se cantar certo eu sei, se cantar errado eu vejo, mas eu cantar, não dou conta. Não sei achar altura...*

E: *Precisa de muito treino?*

Ent: *Aí é o João, ó João... está nas suas mãos aí...*

Entrevistado 2 (Ent 2): *Quê?*

E: *Precisa de muito treino para cantar?*

Ent 2: *Precisa né...*

E: *E como vocês aprendem a cantar? Quem que ensina?*

Ent 2: *Isso aí... o cara que sabe tocar instrumento e cantar. É tipo um cantor mesmo, né. Porque para cantar tem que ter toada. É igual a uma música mesmo. Tem que ter o ritmo de uma música.*

E: *Os versos são sempre os mesmo, decorados ou são improvisados. Assim, cada hora faz de um jeito, dependendo da casa...*

Ent 2: *Têm os versos... mais completos, mas tem o improviso também.*

E: *Ahh... tem o improviso também?*

Ent 1: *Se for promessa canta diferente.*

Ent 2: *Eu acho que tem a linha né? Tem até o livro de cantoria... mas hoje a maioria é improvisado.*

E: *A maioria é improvisado? E por quê que repete o mesmo verso várias vezes?*

Ent 2: *Não, assim... na própria casa não... tem aquela, tipo de uma linhagem de versos. Mas é uma... é a mesma coisa... mas agora, o puxador, ele que faz o verso.*

E: *Ahh.. então é o embaixador que faz os versos?*

Ent 2: *No final, aí, é repetido atrás, os que canta atrás, aí é repetido, os ... praticamente os mesmos versos.*



IMAGEM 27: Entrevistado 1 da transcrição 7

Começamos nossa análise pela seguinte passagem: “*Mas os mais antigos podem dizer se tem alguma significado. Às vezes tem e eu não sei. Mas eu acredito que não. Mais é para enfeitar mesmo. É porque, assim, um exemplo, tem uma dupla, os instrumentos deles é... não tem nada. A viola, o violão, tudo lisinho, bonitinho. Já aquilo ali é para dar um... eu vou*

falar uma palavra aqui não vai sair ela certo... vo... fo... folclório.”. Podemos dizer, pelas palavras do sujeito que nos concedeu a entrevista, que ele, o entrevistado, por não ter certeza do que diz, apoia o seu dizer nos dizeres dos sujeitos mais antigos e investe no sentido de “folclore” mesmo não dominando bem o seu sentido.

Geralmente, nos apoiamos no discurso do outro mesmo de forma inconsciente. Porém, o nosso entrevistado, apoia-se no discurso de pessoas mais velhos que ele, pelo fato de que ele não sabe ao certo o motivo dos enfeites nos instrumentos musicais dos integrantes do ritual da Folia de Reis. Mais do que isso, ele, em seu titubeio, mostra não saber bem o que “folclórico” significa. Mas repete. Falaremos disso mais adiante.

Observemos o que Orlandi nos diz sobre o sentido no uso da linguagem:

Quando dizemos não-subjetiva, queremos dizer que, embora a noção de sujeito seja fundamental, porque não há discurso sem sujeito, há, ao mesmo tempo, uma des-centralização dessa noção: o conceito de discurso despossui o sujeito de seu papel central para integrá-lo no funcionamento dos enunciados, dos textos, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formação ideológica. Não se pode apreender, no discurso, um sujeito em si, mas sim um sujeito constituído socialmente pois não são só as intenções que contam, já que as convenções constituem parte fundamental do dizer. (1988, p.10)

Compreendemos, a partir das palavras da citação acima que o discurso do sujeito é constituído também socialmente. A ideologia regula o dizer, e o dizer se constitui não somente pela e na ideologia, mas também no social em que o sujeito está inserido. Assim, naquele momento, durante a entrevista, o sujeito estava inserido em uma sociedade, produzindo um discurso que era (e é) regulado por um certo funcionamento da ideologia. Portanto, quando ele diz que devemos perguntar às pessoas mais antigas – mais velhas – ele quer dizer que ali, naquele momento, inserido socialmente no discurso, ele, o entrevistado, pode não saber certamente sobre o que lhe foi questionado, mas, poderemos obter esta certeza: podemos perguntar às pessoas mais velhas. Os mais velhos aparecem, nesse imaginário, como aqueles que “guardam” essas tradições, esses dizeres, essas verdades.

Percebemos também o sujeito da entrevista inserido numa ordem social, numa cultura. Isso faz com que esse sujeito produza sentido *ao* dizer e *no* dizer. Produz sentido ao dizer porque o sujeito significa-se no discurso; e produz sentido no dizer quando diz que devemos perguntar aos mais velhos sobre nosso questionamento.

Outro ponto a se ressaltar da parte destacada da entrevista é quando o sujeito diz que os enfeites nos instrumentos são *folclore*. Ele, o entrevistado, tem dificuldade em pronunciar folclore, mas mesmo assim o faz. O sujeito da entrevista toma como conceito de folclore a apresentação dos instrumentos, os enfeites e não o ato móvel em si que vimos no capítulo II deste texto. Ele toma a parte pelo todo – processo metonímico muito significativo nessas condições.

Percebemos, então, que, para este sujeito o folclore é visível para ele naquele enfeite. A movimentação da crença em Santos Reis é a do folclore que se desenvolve no tempo e na história. Talvez para este sujeito, em sua crença, o folclore é algo que está parado no tempo, algo que não se move no, e com, o discurso e no acontecimento discursivo. Com este pensamento notamos a ideologia deste sujeito como algo que regula o seu dizer em relação ao folclore como sendo algo fixo, imutável e preso ao passado somente. Contudo, para nós, foi importante compreender que o ritual da Folia de Reis como folclore, é móvel, e observável em seu discurso. Assim, o folclore da Folia de Reis enquanto acontecimento discursivo da Folia de Reis tem seu discurso produzindo sentidos que não se reduzem ao passado. Regulado pela ideologia e historicizado em sua prática, ao mesmo tempo, ele repete e desloca.

Observemos, agora, parte da transcrição 7:

E: *Precisa de muito treino para cantar?*

Ent 2: *Precisa né...*

E: *E como vocês aprendem a cantar? Quem que ensina?*

Ent 2: *Isso aí... o cara que sabe tocar instrumento e cantar. É tipo um cantor mesmo, né. Porque para cantar tem que ter toada. É igual a uma música mesmo. Tem que ter o ritmo de uma música.*

E: *Os versos são sempre os mesmo, decorados ou são improvisados. Assim, cada hora faz de*

um jeito, dependendo da casa...

Ent 2: *Têm os versos... mais completos, mas tem o improviso também.*

E: *Ahh... tem o improviso também?*

Ent 1: *Se for promessa canta diferente.*

Ent 2: *Eu acho que tem a linha né? Tem até o livro de cantoria... mas hoje a maioria é improvisado.*

E: *A maioria é improvisado? E por quê que repete o mesmo verso várias vezes?*

Ent 2: *Não, assim... na própria casa não... tem aquela, tipo de uma linhagem de versos. Mas é uma... é a mesma coisa... mas agora, o puxador, ele que faz o verso.*

E: *Ahh.. então é o embaixador que faz os versos?*

Ent 2: *No final, aí, é repetido atrás, os que canta atrás, aí é repetido, os ... praticamente os mesmos versos.”*

Nesta parte da entrevista procuramos focar na parte musical. Notamos, em muitas casas onde acompanhamos as apresentações, que mal conseguimos entender os versos cantados e que quando entendemos, percebemos muita repetição nos dizeres.

Sabemos que a música faz parte do ritual e sem ela não há ritual. Durante as apresentações, é por meio da música que os sujeitos se significam, se simbolizam. O discurso do ritual em sua práxis passa a ser a música. Como vimos na transcrição 7, muitas vezes, o que organiza o canto é o improviso. Antes, nas Companhias mais antigas, os versos eram decorados com antecedência. Hoje, são feitos na hora, durante as apresentações do ritual da Folia de Reis.

Talvez seja este o motivo de serem repetidos, muitas vezes, os mesmo versos, em mais de uma casa. Consta na tradição da Folia de Reis, segundo seus realizadores, que em cada casa, canta-se de uma forma. Para pessoas que estejam pagando promessa, é um canto; para pessoas já falecidas é outro canto. Porém, nossas observações – no que foi possível entender durante a cantoria – leva-nos a concluir que não há distinção entre promessas a serem pagas e pessoas já falecidas. Observamos que as letras das músicas, assim como os acordes são os mesmos, em qualquer apresentação. É a própria circunstância de enunciação que significa a situação presente.

Na transcrição 7, na qual encontra-se o recorte acima, podemos ver certa dificuldade

do entrevistado em formular uma resposta com consistência. Faltam muitos conectivos e progressão no dizer. O senhor entrevistado faz parte de uma Companhia de Reis da cidade de Jacuí. Porém, quando questionado, não soube nos responder ou respondeu com certa dificuldade. Percebemos, ainda, que quando o sujeito entrevistado estava sentado – nivelado abaixo do entrevistador – sua expressão era mais alegre, brincalhona. Nesta hora, quem dava a entrevista era o entrevistado 1. Contudo, quando a entrevista foi direcionada ao entrevistado 2, pelo entrevistado 1, aquele levantou-se e mudou sua expressão e sua atitude. Podemos observar melhor isso nas imagens abaixo, que foram congeladas, das gravações para o documentário.



IMAGEM 28: entrevistado 2 da transcrição 8



IMAGEM 29: entrevistado 2 à vontade



IMAGEM 30: chamado para participar da conversa



IMAGEM 31: entrevistado 2

Ao observarmos as imagens acima, percebemos que o entrevistado 2 parece-nos pouco à vontade ao falar durante a entrevista. Enquanto ele permanecia sentado, não demonstrava tal preocupação. Certamente, quando o entrevistador se dirigiu diretamente a ele, seu corpo

também foi tocado pelo sentido do ritual sobre o qual ele estava falando. Além disso, aqui, talvez as relações de força e sentido estejam agindo sob o sujeito. Percebemos as formações imaginárias, ou seja, a imagem que ele faz do entrevistador e de si mesmo, dificultando as respostas e até o comportamento do entrevistado 2. Isso acontece pelo fato de que o sujeito, provavelmente, se sentiu na posição de responsabilidade de falar, de dizer, de significar-se. Dado o mecanismo da antecipação, ao projetar a imagem do receptor, ele estabeleceu sua estratégia discursiva. Podemos ver isso no sujeito entrevistado porque ele assume sua posição-sujeito integrante do ritual e o significa em sua seriedade.

Ao ocupar a função autor do discurso, o entrevistado 2, dentro de suas formações imaginárias, antecipou a imagem que seria feita dele. Com isso, observamos a dificuldade dele, do entrevistado 2, em manter a espontaneidade das respostas e de sua postura. Talvez o problema seja a câmera que estava gravando sua fala, talvez seja o entrevistador, ou ainda, talvez seja a responsabilidade de ser o porta-voz das respostas, o responsável por elas.

Percebemos, durante a gravação das imagens, que muitas pessoas que se envolvem no ritual, na preparação do alimento servido, na arrumação das tendas, não sabem ao certo o que seja Santos Reis. Não em relação à história que é relatada na Bíblia. Talvez seja este o motivo pelo que o entrevistado 2 se coloca em posição de desconforto ao ser questionado. O objetivo durante a entrevista era apenas de colher imagens e depoimentos sobre o ritual da Folia de Reis. Mas percebemos que muitos dos entrevistados fazem parte do ritual, porém não sabem dizer muita coisa sobre ele.

Notamos isso durante a entrevista do entrevistado 2. As respostas não foram diretas, embora o entrevistador tenha tentado obter a entrevista num processo sem regras, tentando deixar os entrevistados bem à vontade.

Em análise de discurso, os “dados” (fatos) são os discursos (ORLANDI, 2006) e os “dados” que temos são os discursos dos entrevistados. São, portanto, práticas. Esses discursos são relação de sentido entre interlocutores. Nosso corpus traz para a cena a exterioridade do discurso. Assim, trazem para o discurso os elementos necessários para a sua

constituição. Temos, com isso, as condições de produção do discurso do entrevistado 2. Talvez sejam essas condições de produção que tenham ajudado a formular um discurso como na entrevista. Um discurso sem progressão, sem respostas diretas às perguntas.

O discurso do entrevistado 2, nos chamou a atenção pelo fato de que, como se postula na análise de discurso, a língua não é transparente, há opacidade. Sendo assim, quando o entrevistado 2 não dá respostas objetivas às questões que foram propostas a ele, percebemos aí dificuldade em lidar com a própria língua. O fato de os braços do entrevistado ficarem sem um lugar confortável, aqui, percebemos como um gesto de incerteza, de não saber o que dizer e mesmo assim ter que dizer. Ou, por outro lado, a dificuldade de entrar no discurso do ritual que, para eles, seria algo a ser praticado apenas no ritual e não fora dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um trabalho como este, muitas considerações finais podem ser feitas, muitos pontos podem ser levantados. Mas também, algumas questões podem não ter sido respondidas, apenas discutidas.

Na introdução deste *corpus*, algumas interrogações foram postas. Dentre estes questionamentos, consideremos a questão da crença, dos sujeitos, nas suas posições-sujeitos devotos, ser a mesma em todos estes sujeitos. Quando observamos, durante as entrevistas e no decorrer das análises, concluímos que, mesmo quando o ritual é feito fora da data destinada a ele – 25 de dezembro a 6 de janeiro – a crença e a devoção estão presentes da mesma maneira. São, por assim dizer, as mesmas. O que move esses sujeitos é a fé; seja num ritual realizado por tradição ou por promessa. A fé é que regula todo o discurso destes sujeitos quando eles estão nas suas posições-sujeitos devotos dos Santos Reis. A crença nesses “Santos”, ou mesmo “Santo”, faz com que esses sujeitos se inscrevam em formações discursivas de uma conjuntura religiosa regulada pela fé, sendo sempre de devoção e agradecimento. Mesmo em Jacuí, onde o ritual acontece movido pela tradição, percebemos a devoção. Eles, os sujeitos, referem a Santo(s) Reis como “*Ele é milagroso. Se tiver fé nele é... a gente já viu muitos milagres*”.³² Por isso, a fé, percebida nos discursos dos entrevistados, é filiada a uma ideologia religiosa. Nem mais forte, nem mais fraca, apenas existente e presa a uma rede de sentidos, a um interdiscurso em que se articulam formações discursivas que se alicerçam na promessa.

Mesmo onde o ritual acontece motivado pela tradição, a promessa está presente. Isso foi observado por nós nas entrevistas. Uma das entrevistadas disse, como citado acima, que Santo(s) Reis faz milagres. Seguindo a linha de que para haver um milagre, do ponto de vista dos sujeitos que foram entrevistados por nós, antes houve uma promessa, então, a promessa, mesmo que não dita no discurso dos sujeitos da cidade de Jacuí, existe. Porém, o ritual não é

32 Parte da transcrição 6;

motivado por ela nesta cidade. O ritual acontece pela tradição, pelo esforço em fazer permanecer um acontecimento discursivo que se renova todas as vezes que irrompe no processo discursivo. Essa renovação acontece porque o momento nunca é o mesmo, o motivo também não. Sendo assim, a renovação sempre será possível. Não será feita de outro modo, mas se renovará. Repetição e deslocamento estão juntos. Notamos a tradição, aqui, como algo que tem que acontecer, ou seja, há uma injunção ao ritual como parte da identificação do sujeito ao grupo em seu pertencimento, pois o sujeito devoto de Santo(s) Reis se significa nesse acontecimento. Então, se não houver o ritual, este sujeito não fará sentido na tradição. Notamos, ainda, uma ideia de pertencimento que relaciona sujeito e ritual. Os sujeitos pertencem a esse grupo porque praticam a Folia de Reis. Assim, mesmo que o sujeito não tenha consciência, ele se significa, pois quanto o ritual acontece, por tradição ou por promessa, o sujeito está inserido nele, no acontecimento discursivo, na Folia de Reis.

Outro ponto que pudemos observar é que o ritual é feito para todos. Todos que estiverem presentes podem ouvir, orar, alimentar-se. Não há distinção nem segregação dos sujeitos que ajudam no ritual para com os sujeitos que são convidados para o ritual. Cabe aos que organizam, receber seus convidados, mesmo que estes não participem do ritual em si; mesmo que estes venham apenas para se alimentar. Todos são tratados da mesma forma. Com **isso** pudemos notar que a devoção faz destes sujeitos pessoas que ajudam ao próximo, que estabelecem uma ligação entre si. Pessoas que colaboram com os outros, até no preparo de todo o ritual. Sempre há ajuda dos vizinhos, dos amigos. Essa ajuda, essa colaboração também está presente na formação ideológica dos sujeitos. Sempre se fez desta forma o ritual: com colaboração. Então, como os sujeitos se inscrevem e são regidos pela formação discursiva da fé, como o religioso está presente, a solidariedade existe. Essa solidariedade se estrutura no alimento, visto por nós aqui como comunhão. Como um momento de socialização, de civilidade entre os sujeitos presentes no ritual e também como um gesto comandado pelo religioso, significando a união na fé. Entendemos, assim, que a promessa, unida à tradição, atua como um estabelecer de laços. Algo que é chamado a acontecer para

que as pessoas se unam, compartilhem alimento e oração. Liga social.

Assim, socialização e sociabilização. A primeira acontece porque a sociedade que faz parte do acontecimento discursivo da Folia de Reis se reúne, se junta para organizar e fazer o ritual; a segunda, a sociabilização está relacionada à comunhão. Não apenas simbolizada no alimento, mas também na fé, na ajuda que um sujeito presta ao outro durante a preparação do ritual.

Para que pudéssemos entender como os sujeitos da Folia de Reis se constituem, tivemos, antes, que compreender como ele se relaciona com o interdiscurso. Percebemos uma memória discursiva atuante que regula os dizeres destes sujeitos. Quando analisamos as entrevistas, observamos que esses sujeitos, em suas posição-sujeito devotos, relacionam seus dizeres a uma rede de filiações discursivas que não se modifica completamente nas cidades onde as entrevistas foram feitas. Os sujeitos que vão para pagar promessa não são diferentes dos que vão ao ritual pela tradição. Notamos que essa diferença no motivo da realização do ritual afeta a realidade dos sujeitos de maneira particular, mas sempre está dentro de uma mesma Formação Discursiva: a fé em Santo(s) Reis. Reconhecemos aí a identidade, ou melhor, os processos identitários desses sujeitos em relação ao ritual. Esses processos se assemelham nas cidades pesquisadas porque a crença em Santo(s) Reis existe em todas elas.

Há, no ritual das cidades observadas, uma modalização, tanto dos sentidos, quanto da identidade. Notamos isso ao considerar que a tradição e a promessa afetam de maneiras diferentes a identidade do sujeito. A primeira está mais intimamente ligada ao folclore, ao passado. A segunda está relacionada à crença, à religiosidade. Embora todos os rituais sejam alicerçados pelo mesmo pilar: a fé em Santo(s) Reis. A diferença é que em Monte Belo e Areado, as Companhias saem em suas caminhadas para atender a algum pedido de algum sujeito que tenha feito uma promessa para Santo(s) Reis e que queria pagar essa promessa acompanhando a Companhia. Já em Jacuí, os sujeitos fazem promessas para Santo(s) Reis, porém, não alegam o pagamento da promessa ao acompanhar as Companhias. Então, com o exposto, consideramos que todos os sujeitos têm a religiosidade como filiação. O que muda

de uma cidade para outra é que os sujeitos se identificam com sentidos diferentes. Não é a memória discursiva apenas. O que nos interessou muito foi o fato de como os sentidos se mostram e se constroem, construindo, assim, uma certa historicidade em que as diferentes populações da região se "contam", se "dizem" por meio da Folia de Reis.

Assim, vimos a historicidade deste acontecimento discursivo que é Folia de Reis: algo que acontece e que embora não se modifica completamente, renova-se todas as vezes que o ritual é realizado, historicizando-se de acordo com as condições de produção em que acontece. Desta forma, observamos o folclore como não sendo museificado, mas sim como algo que se renova quando acontece.

Neste contexto, os sentidos só fazem sentido diferentemente. Cada vez que o ritual acontece há uma diferença, mas ainda é o ritual da Folia de Reis. O sujeito de hoje é diferente do sujeito de outra época, e, dado o fato da conjuntura social, histórica, política, cultural não ser a mesma, há diferença. A Folia de reis movimenta-se com a e na história, é um ritual que faz parte dos processos de identificação dos sujeitos e ela só se mantém porque modificou-se, não é mais como era na época do nascimento de Jesus.

Podemos considerar ainda a Folia de reis como um processo de resistência dos sujeitos quando eles realizam o ritual. Os sujeitos, em suas posição-sujeito devotos continuam, conscientemente ou não, as ações que foram de seus pais e/ou avós. Há essa necessidade de continuação do ritual como forma de respeito à imagem de seus antepassados, pela tradição ou pela fé. O que os sujeitos entrevistados mostram, pelo modo como significam a Folia de Reis em suas palavras, é a crença em Santo(s) Reis. Essa crença lhe parece o mais importante. Ao mesmo tempo, percebemos, ainda neste mesmo sentido, que há uma forma de resistência à sociedade que não crê em Santo(s) Reis e também há uma história que ainda vive entre os sujeitos: a escravidão que foi presente no Sul de Minas Gerais. Com isso, o ritual se refuncionaliza quando se torna social e, aí, observamos que há um sentido de solidariedade, pois há sociabilização, como já mencionamos.

Consideremos, aqui, três propriedades. A primeira delas vai tratar de que o discurso da

Folia de Reis não é mera reprodução do discurso capitalista, mas sim um acontecimento discursivo que irrompe fazendo uma diferença. Essa diferença é a produção de sentidos e de posições-sujeito que estão relacionados à Folia de Reis. Sendo assim, podemos dizer que o discurso da Folia de Reis não é do senso comum e tem como propriedades uma solenidade produzida por uma crença comum a todos: a fé em Santos Reis.

A segunda propriedade trata das denominações que podem ser dadas ao ritual. É interessante que observemos as variações dessa denominação:

- Folia de Reis
- Festa de Reis
- Festa do Santo Reis

Na primeira denominação temos a festa religiosa, como sempre, mas o nome pode remeter à diversão, devido ao uso da palavra Folia. E é o que acontece durante a preparação do alimento. Os sujeitos se divertem, cantam, conversam assuntos que não estão relacionados ao ritual. Na segunda denominação, notamos a presença da palavra “Festa”. Aqui se relacionam os festejos: Festejar Reis; e ainda podemos notar a ausência do artigo masculino plural *os*, que designaria *Os Reis*. Com esta ausência, percebemos a unificação dos *Três Reis Santos* em *um só*. Por fim, a terceira denominação se explica no fato de que muitos sujeitos uniram os Três Reis Magos – Santos Reis – em um só. Por isso a denominação com o artigo e o primeiro nome no singular e segundo nome no plural. Essa unificação é sabida pelos sujeitos. Talvez seja apenas uma variação da língua, uma questão regional, popular; mas talvez seja também uma metáfora, ligando Os Santo Reis à Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo. Sabemos **disso** porque os sujeitos sabem que são representados, na bandeira do ritual os três Reis Santos. Como podemos observar nas fotografias abaixo:



IMAGEM 32: Parte de trás da máscara do palhaço



IMAGEM 33: bandeira no 1º dia de andança da Companhia

Porém, se observarmos que há três arcos e uma só bandeira, entendemos a unificação dos Três Reis Santos em um, como a representação do Divino Espírito Santo. Quando observamos Três Reis e um Santo não é erro gramatical na formulação Santo Reis, mas a falha que se mostra possível: a conjuntura sócio-histórica de constituição da Folia de Reis no Brasil, popular, religiosa – festa – e se liga à população do Sul de Minas que vêm de muitos grupos sociais, como por exemplo, os escravos, a mistura de portugueses com escravos, formando povoados para distribuir essa população que se formava e que é a base da formação do Brasil.



IMAGEM 34: os três arcos, montados apenas na chegada da Companhia, que representam, cada, um dos Santos Reis.



IMAGEM 35: a bandeira no último dia de andança da Companhia

A terceira propriedade trata da mudança no sentido que a Folia de Reis tinha, quando chegou ao Brasil, e no sentido que ela tem hoje. Antes, em Portugal, o caráter era apenas de diversão. Aqui no Brasil, foram-se agregando sentidos outros ao ritual. Isso aconteceu em algum momento da história, ou melhor, vai acontecendo durante a história. Mas, o que podemos observar em todo esse processo discursivo é que o caráter de diversão, apenas, deu lugar ao religioso. Ainda há diversão: durante os preparativos. Mas só aí. Durante o ritual, há sobredeterminação da religiosidade.

Outro ponto importante nestas considerações é sobre a repetição. Um ritual é algo que

se repete, porém, a Folia de Reis não é algo que apenas se repete, sempre, da mesma forma. A Folia de Reis se atualiza em suas repetições. Essa repetição é vista por nós, aqui neste contexto, como retomada e o novo está nas condições de produção e na relação do sujeito com o dizer. Sendo assim, se as condições de produção são outras todas as vezes que o ritual acontece, mesmo que seja pelos mesmos motivos, há sempre um ritual retomado, onde existe o novo, e nunca apenas mera reprodução. Mesmo assim, continuamos a chamar denominar a Folia de Reis como um ritual porque embora algumas condições sejam modificadas, um ritual continua a ser sempre um ritual. Assim, a formação discursiva é uma só; o que muda são as modalizações de como esse ritual é feito. Podemos chegar a essa afirmação porque observamos em nossa análise que há uma Formação Discursiva que é heterogênea, por isso há deslizamentos de sentidos que afetam o sujeito produzindo diferenças, mas não produzem deslocamentos, efeitos de ruptura: o sentido principal mantém-se, isto é, a fé pela qual os sujeitos se significam.

Retomar o acontecimento discursivo da Folia de Reis não é só reproduzir, como dissemos, é também re-significar, refazendo os laços do grupo, reelaborando a identidade de cada sujeito dentro do grupo, até mesmo resistindo a certos sentidos da ideologia dominante.

A denominação *Santo(s) Reis* acontece por tradição, uma vez que os Três Magos não são considerados santos pela Igreja Católica. Essa denominação, como já afirmamos no corpo de nossa pesquisa, está num texto não autorizado, isto é, no discurso dos sujeitos, e não na Bíblia.

Por fim, vimos o acontecimento discursivo da Folia de Reis, com base nas entrevistas colhidas, que foram objeto de análises no desenvolver deste texto, como o ponto de encontro entre passado, memória e atualidade. A memória se atualiza por meio do ritual da Folia de Reis, mas mesmo assim se remete ao passado. Assim entendemos essa re-significação do conceito de folclore, como algo que se renova. Compreendemos, desta forma, que a Folia de Reis se diz no discurso dos sujeitos. Sendo assim, quando o sujeito retoma o acontecimento discursivo da Folia de Reis e não repete apenas, ele re-significa, tanto o ritual quanto a si

mesmo, pois trabalha a própria identidade.

Portanto, as pessoas, os devotos da Folia de Reis, por esse ritual, se individualizam e, no processo de identificação, vão se identificar com sentidos de fé, de solidariedade, de união na tradição, constituindo um grupo. E o ritual é a prática que dá realidade ao grupo de devotos face ao grupo social que os rodeia. Esse tornar-se real diante dos outros e se dá pela tradição e pela promessa. Quando o acontecimento discursivo da Folia de Reis se dá pela tradição, notamos a inscrição do sujeito, na sua posição-sujeito devoto, apenas uma vez ao ritual. Quando o acontecimento discursivo se dá pela promessa, o sujeito se insere no ritual duas vezes: ao fazer a promessa e ao participar do ritual. Assim, a promessa é uma estratégia forte para manter o ritual como acontecimento, como retorno de uma memória. O que há em comum nos municípios pesquisados é a fé, como dissemos. Seja por tradição ou por promessa, a fé sempre está presente e é ela que abre precedentes para que o ritual aconteça se atualize.

Muitas outras considerações poderiam ter sido feitas a respeito do canto, por exemplo, – que é quase ininteligível – mas optamos pelo recorte do que o sujeito diz sobre a Folia de Reis, como este sujeito se identifica e se significa no ritual. E deixamos em aberto muitas perspectivas a respeito deste tema para uma pesquisa posterior sobre este assunto. De qualquer forma, deixamos abertos precedentes para o estudo e análise de discursos paralelos sobre o assunto. Em termos de nosso projeto acadêmico, abrimos caminhos para uma retomada desta pesquisa um pouco mais adiante, aprofundando certas perspectivas, analisando outros materiais, explorando outras conjunturas em que se desenvolve este processo discursivo do qual analisamos um acontecimento, o da Folia de Reis, na região Sul de Minas, um “*estado do processo discursivo*” como diria M. Pêcheux (1969) apud Gadet e Hak. (1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre [et al] “Memória e produção discursiva dos sentidos” in **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. “Os silêncios da memória” in **Papel da memória**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1999.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

AUTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição.

BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

CERTEAU, Michel e GIARD, Luce: *A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1996.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

Dicionário Enciclopédico Ilustrado Larousse. São Paulo: Editora Abril, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. ed.7ª. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2006.

HAROCHE, C; HENRY, P & PÊCHEUX, M. **La sémantique et la coupure saussurienne: langue, discours. Langages**. Paris: Didier-Larousse, nº 24, 1971.

HENRY, P.. **A ferramenta imperfeita**. Campinas, SP: Ed.da Unicamp, 1992.

MALDIDIER, D [et al] “Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa” in **Gestos de leitura: da História no Discurso**, Eni P. Orlandi (org.) Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

_____. “Efeitos do arquivo. a análise do discurso no lado da história”. in: **Gestos de leitura: da História no Discurso**, Eni P. Orlandi (org.) Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3ª ed., 2001.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 4ª edição, 2004.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Sujeito, corpo e sentido**. Descrição do Projeto, no Currículo Lattes.

_____ et al. **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988.

_____. **Terra à vista – discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Original francês: PÊCHEUX, M. **Les vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975.

_____. **Análise automática do discurso (AAD 69)**. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani ... [et al] 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni p. Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Análise de Discurso – Michel Pêcheux** . Textos escolhidos por Eni Puccinelli

Orlandi, Campinas: Pontes, 2011.

SILVA, Paulo Sérgio da. **Dimensões e perspectivas históricas de Jacuí – Minas Gerais**. Passos: Editora Offset São Paulo Ltda, 2004

ANEXO

As transcrições das entrevistas utilizadas no *corpus* estão, também, disponíveis aqui.

Entrevista conseguida em Monte belo, MG, na data de 26 de dezembro de 2010, no

Bairro dos Coelhos:

Entrevistador (E): *Porque esta Companhia está se apresentando nesta casa?*

Entrevistado (Ent): *O dono da casa gosta. Ele é devoto de Santo Reis. Todo ano ele pede para a gente cantar aqui.*

(E): *Como o senhor organiza onde a Companhia vai almoçar ou jantar?*

(Ent): *A gente já sabe tudo antes de começar. A gente e quem fez a promessa sai nas casa pedindo para ajudar dando a comida para a Companhia.*

E: *E todos dão a comida?*

Ent: *Todos dão. Os que não pode fazer tudo sozinho o vizinho ajuda.*

E: *Então você sempre terão onde se alimentar durante os dias que a Companhia anda?*

Ent: *Tem sim. A gente já vê isso antes porque aqui tem muita gente que tem família. Não pode ficar andando com a Companhia sem lugar para comer. A gente tem q voltar para casa para ficar com os filhos. Se a gente não tiver onde comer, como a gente faz? A gente anda muito, o dia inteiro.*

E: *Mas a família de você anda junto com a Companhia?*

Ent: *Não. Só quando tem um que sai junto com a Companhia. A gente anda muito, não dá para levar a família.*

E: *Obrigada.*

Ent: *A gente que agradece.*

Entrevista conseguida em Monte belo, MG, na data de 06 de janeiro de 2011, no Bairro dos Coelhos:

Entrevistador (E): *Vocês acham que tem alguém que vem aqui só para comer? Que não acredita em Santos Reis?*

Entrevistado 1 (Ent 1): *Uai, eu acho que vem... vem...*

Entrevistado 2 (Ent 2): *Eu acho que tem sim. Por este lado tem.*

E: *Vem só para comer? Come e não vai lá ver a Companhia?*

Ent 2: *Tem. Tem.*

E: *E o que vocês acham? Os Santos Reis seriam uma crença religiosa, são santos. Estas pessoas que vêm só para comer, como você olham isso?*

Ent 2: *Ahh... é difícil né?!*

Entrevistado 3 (Ent 3): *Olha, mas a gente trata todo mundo igual.*

E: *Todo mundo igual?*

Ent 3: *Todo mundo igual. A gente está aqui para servir, né?*

Ent 2: *Serve todo mundo, a mesma coisa. Do mesmo jeito que serve um, serve outro. Não tem distinção de pessoa.*

Ent 3: *Nós não vamos fazer separação de pessoa.*

E: *Muito obrigada pela entrevista.*

Ent 2: *De nada.*

Ent 3: *Nós que agradecemos a sua visita.*

Palavras do embaixador da Companhia de Reis que se apresentou no Bairro Coelhos, na cidade de Monte Belo, na data de 27 de dezembro de 2010, antes do início do canto:

Embaixador: *Viva Nossa Senhora Aparecida!*

Todos: *Viva!*

Embaixador: *Que Nossa Senhora oriente e abençoe a todos nós.*

Entrevista feita na cidade de Monte Belo, MG, no dia 27 de dezembro de 2010:

E: *Em relação à cor da roupa dos palhaços. Por que são essas cores e não outras?*

Ent 1: *Isso é da roupa mesmo, do vestuário deles.*

E: *Eu estava olhando os instrumentos e reparei nos enfeites. Uns instrumentos têm umas cores de enfeites, outros têm outras cores. Essas cores, esses enfeites são escolhidos de qualquer forma ou há uma ordem para isso?*

Ent 1: *Essas flor é... quando o nascimento de Jesus, quando Jesus nasceu, ficou tudo enflorcido.*

E: *Então é isso que simboliza?*

Ent 1: *O mundo floresceu, todas as árvores floresceram.*

E: *E vocês são o quê na Folia de Reis?*

Ent 1: *O guarda da bandeira.*

E: *Vocês cantam também ou não?*

Ent 1: *Não. Só isso aí mesmo.*

E: *Todas as Companhias de Reis andam do dia 25 de dezembro até o dia 06 de janeiro com intenção de promessa que alguém fez?*

Ent 1: *É.*

E: *Ou vocês não andam só para representar o nascimento de Cristo?*

Ent 1: *A gente anda para cumprir a promessa de uma pessoa dessa.*

E: *Então, na verdade, todo mundo, é uma companhia mesmo. Vocês se reúnem para ajudar as pessoas que fizeram as promessas.*

Ent 1: *É isso.*

E: *Tem alguém que já pediu para a Companhia andar esses dias sem que a promessa tenha sido atendida?*

Ent 1: *Vou chamar aqui o nosso mestre.
(chamando o embaixador da Companhia)*

Ent 2: *Tem. Tem.*

E: *Tem mesmo?*

Ent 2: *Tem sim.*

E: *Mesmo com que a promessa não tenha sido atendida, mesmo assim, a Companhia anda?*

Ent 2: *Nóis anda só nessa época, no tempo da tradição. Na época da viagem dos três Reis Magos. Nóis tamo pagando aquela promessa, aquele milagre que a pessoa recebeu. E esse ano tamo aqui pagano a promessa do rapaz aqui, do (...). Para o ano que vem , tem outro que já chamou, Já tratamo onti com ele.*

E: *As Companhias têm nome ou não?*

Ent 2: *Não. Daí o nome é só Companhia de Reis.*

E: *Obrigada a vocês.*

Entrevista feita na cidade de Monte Belo, MG, na data de 25 de dezembro de 2010:

E: *Olá, boa tarde.*

Ent : *Boa tarde.*

E: *Qual que foi o motivo dessa Folia de Reis? Você pode contar ou não?*

Ent: *O motivo é que eu fiquei doente, fazendo hemodiálise e eu... para mim... a gente sofria muito e eu fiz é... pedi para Santo Reis que me ajudasse, que eu sarasse e eu cumpria a promessa para Santo Reis. E graças a Deus, eu sarei e se Deus quiser vou cumprir a minha promessa.*

E: *Tá. Você vai acompanhar a Folia, todos os dias, até dia 6?*

Ent: *Vou acompanhar. Até a chegada, dia 6, na chegada.*

E: *E vai chegar onde?*

Ent: *Vai chegar na Rancharia, no Zezé meu irmão.*

E: *Na casa do Zezé?*

Ent: *É.*

E: *Qual a sua devoção? Por que santos Reis e não outro santo?*

Ent: *É porque Santo Reis é um santo milagroso, né? Fiz intenção. Pedi para ele.*

E: *Obrigada.*

Entrevista na cidade de Jacuí, no dia 25 de dezembro de 2010:

E: *Olá a todos, boa tarde. Tudo bem com vocês*

Ent 1: *Tudo, graças a Deus.*

Ent 2: *Tudo na santa paz.*

E: *Com é que acontece a Folia de Reis por aqui, aqui em Jacuí?*

Ent 1: *Na hora que vai chegando é mais bonito de ver.*

Ent 2: *A hora da chegada “rebenta” muito foguete, dá muito viva. É lindona mesmo a festa. Precisa ver.*

E: *Vocês estão ajudando aqui desde que dia?*

Ent 1: *desde hoje só.*

Ent 2: *Desde o começo da festa elas estão ajudando. Desde sexta-feira. Sexta, sábado, domingo, daí vai. Até o dia ... seis, da festa. Cada casa da janta é uma festa... e grande... e boa... (risos)*

E: *A comunidade inteira vem?*

Ent 2: *Vem. Do lugar vem todo mundo e vem muita gente de fora, mas não é de todo lugar não.*

E: *Vem gente que não acredita em Santos Reis, a senhora acha?*

Ent 2: *Vem, vem.*

E: *Mas por que será?*

Ent 2: *Cada um tem uma natureza, tem um pensar.*

Er: *É?*

Ent 2: *Ele é milagroso. Se tiver fé nele é... a gente já viu muitos milagres.*

E: *Aqui hoje é promessa ou não?*

Ent 2: *Não. Aqui é tradição.*

E: *Todo ano serve...*

Ent 2: *Todo ano, aqui é tradição.*

E: *A senhora já serviu já serviu almoço na casa da senhora?*

Ent 2: *Já. Dei muitos anos para trás. Foi até que eu não dei conta mais e passei para as mais novas (risos).*

E: *E a senhora continua ajudando as mais novas?*

Ent 2: *Ajudo. Algum pouquinho que eu posso eu ajudo. Nem que seja para comer (risos).*

Entrevistador: *E você, gosta da Folia de Reis?*

Ent 3: *Uhh (faz um gesto de sim com a cabeça).*

Ent 2: *Fala para ela que você gosta. Que você toca. Que você canta.*

E: *Você já sabe cantar alguma coisa?*

Ent 3: *Sei.*

E: *Sabe as músicas todas?*

Ent 3: *Ahh... eu mais, eu sou... mais eu toco.*

E: *E o que que você toca?*

Ent3: *Folia de Reis.*

E: *Mas qual instrumento?*

Ent 3: *Violão.*

E: *Violão? E você aprendeu a tocar com quem?*

Ent 3: *Com um parente meu. O Eder, um tal de Eder.*

Ent 2: *Fala que tem a escola lá em Jacuí.*

Ent 3: *Ahh, haa.*

E: *Mas você acompanha a Folia de Reis?*

Ent 3: *Acompanho.*

E: *Os doze dias?*

Ent 3: *Sim.*

E: *Vai junto?*

Ent 3: *Vou.*

E: *Aquela ali é sua mãe?*

Entrevistado 3: *É.*

E: *Oi.*

Ent 4:

E: *Você tem muita crença no Santo Reis?*

Ent 4: *Tenho. Tenho. Eu gosto muito. É uma tradição que começou com o meu pai.*

E: *Seu pai?*

Ent 4: *É.*

E: *Você começou a acreditar com ele?*

Ent 4: *Os mais velhos deixaram para nós e nós crescemos assim, e agora estamos passando para nossos filhos e lá vai...*

E: *Obrigada.*

Entrevista colhida na cidade de Jacuí, na data de 25 dezembro de 2010.

E: *Eu reparei que tem... que tem umas flores nas... nos instrumentos, nas roupas. Você sabe o porquê dessas flores?*

Ent 1: *Sei.*

E: *Têm umas fitas penduradas. É só para enfeitar ou tem algum significado?*

Ent 1: *Eu acho que mais é para enfeitar mesmo.*

E: *Para enfeitar mesmo?*

Ent 1: *Mas os mais antigos podem dizer se tem alguma significado. Às vezes tem e eu não sei. Mas eu acredito que não. Mais é para enfeitar mesmo. É porque, assim, um exemplo, tem uma dupla, os instrumentos deles é... não tem nada. A viola, o violão, tudo lisinho, bonitinho. Já aquilo ali é para dar um... eu vou falar uma palavra aqui não vai sair ela certo... vo... fo... folclório.*

E: *Folclore?*

Ent 1: *É uma tradição que vem lá dos...*

E: *Então, assim... vocês vão fazendo e vão repetindo porque os pais de vocês faziam, os avós faziam...*

Ent 1: *Mas é por aí... para não deixar acabar. Por que, assim, um exemplo, se acabar aquilo lá, a tradição, aí vem que nem o Fabrício ali (aponta para o entrevistado 3 da transcrição 6) que está começando já vai com o violão dele limpinho lá e fala “não, eu não quero isso não”. E se já colocar a primeira vez ele já vai crescer com aquilo lá.*

Ent 2: *Já começa a gostar.*

E: *É uma forma de vocês passarem isso para os filhos e os filhos para os netos e por aí vai?*

Ent 1: *É isso mesmo.*

E: *O senhor nunca pensou em cantar em Folia de Reis não?*

Ent 1: *Querer eu quero, mas não dou conta.*

E: *Por quê?*

Ent 1: *Não sei se é o dom... e gosto... e sei se cantar certo eu sei, se cantar errado eu vejo, mas eu cantar, não dou conta. Não sei achar altura...*

E: *Precisa de muito treino?*

Ent 1: *Aí é o João, ó João... está nas suas mãos aí...*

Ent 2: *Quê?*

E: *Precisa de muito treino para cantar?*

Ent 2: *Precisa né...*

E: *E como vocês aprendem a cantar? Quem que ensina?*

Ent 2: *Isso aí... o cara que sabe tocar instrumento e cantar. É tipo um cantor mesmo, né. Porque para cantar tem que ter toada. É igual a uma música mesmo. Tem que ter o ritmo de uma música.*

E: *Os versos são sempre os mesmo, decorados ou são improvisados. Assim, cada hora faz de um jeito, dependendo da casa...*

Ent 2: *Têm os versos... mais completos, mas tem o improviso também.*

E: *Ahh... tem o improviso também?*

Ent 1: *Se for promessa canta diferente.*

Ent 2: *Eu acho que tem a linha né? Tem até o livro de cantoria... mas hoje a maioria é improvisado.*

E: *A maioria é improvisado? E por quê que repete o mesmo verso várias vezes?*

Ent 2: *Não, assim... na própria casa não... tem aquela, tipo de uma linhagem de versos. Mas é uma... é a mesma coisa... mas agora, o puxador, ele que faz o verso.*

E: *Ahh.. então é o embaixador que faz os versos?*

Ent 2: *No final, aí, é repetido atrás, os que canta atrás, aí é repetido, os ... praticamente os mesmos versos.*

E: *Muito obrigada a todos vocês.*